



## O mundo moderno é o mundo sem política.

**Hannah Arendt 1906-1975**

### Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

### A. Tema de capa

» ENTREVISTAS

PÁGINA 03 | Miroslav Milovic: “Arendt. O otimismo pensando a dignidade da política”

PÁGINA 08 | Fina Birulés: Uma crítica radical da política representativa e uma aposta pela participação

PÁGINA 12 | Françoise Collin: “A banalidade do mal é o mal da covardia”

PÁGINA 16 | Sylvie Courtine-Denamy: Arendt e o imperativo de estar presente

PÁGINA 20 | Lisa Disch: A crise da participação política

PÁGINA 22 | Enrique Lynch: O quarto das ferramentas

### B. Destaques da semana

» LIVRO DA SEMANA

PÁGINA 25 | LANG, Uwe Michael: *Rivolti al Signore. L'orientamento nella preghiera liturgica*. Resenha de Francisco Tabora

» ARTIGO DA SEMANA

PÁGINA 29 | Gilmar Hermes: Para que a arte continue viva

» MEMÓRIA

PÁGINA 32 | Sérgio Farina

PÁGINA 33 | » TERRA HABITÁVEL

PÁGINA 35 | » DESTAQUES ON-LINE

PÁGINA 37 | » FRASES DA SEMANA

PÁGINA 38 | » NOTÍCIAS DIÁRIAS

## C. IHU em Revista

» EVENTOS

PÁGINA 43 | Attico Chassot: “Por que os bebês choram ao nascer?”

PÁGINA 45 | Márcia Lopes Duarte: Como as relações humanas se deterioram

PÁGINA 50 | Lee Smolin: Uma discussão aberta e objetiva

PÁGINA 54 | » SALA DE LEITURA

PÁGINA 55 | » CARTA DO LEITOR

PÁGINA 55 | » IHU REPÓRTER

## Editorial

Hannah Arendt nasceu em 1906, em Linden, perto de Hannover, na Alemanha. Os pais, judeus reformados, segundo Julia Kristeva, (*Le génie féminin. Hannah Arendt. La vie, la folie, les mots*. Paris: Fayard. 1999: Tradução brasileira: *O gênio feminino. A vida, a loucura, as palavras*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002), eram críticos do sionismo. Em 1933, ela se exila, escapando da Shoah, inicialmente, em Paris, depois em Nova York, em 1941, tornando-se cidadã norte-americana.

“É preciso querer viver os grandes problemas, pelo corpo e pelo espírito”, disse Nietzsche. Julia Kristeva constata que Hannah Arendt, longe de ser uma “pensadora profissional”, é, à sua maneira, talvez a única filósofa especificamente política.

Se, para os gregos, o projeto político era “viver bem”, para a modernidade é “sobreviver”. Assim afirma Miroslav Milovic, professor da UnB, refletindo sobre o legado de Hannah Arendt, “o mundo moderno é o mundo sem a política, o mundo da economia e das condições da sobrevivência”, ou seja, “a modernidade, aproximando o privado e a natureza da política, anuncia uma específica despolitização”. E o professor continua: “Sobreviver ainda é um projeto político, ou melhor dizendo, em Arendt, é um projeto da negação da política”.

Esta edição que comemora o centenário de nascimento de Hannah Arendt dá continuidade à edição nº. 168, de 12-12-2005, que sob o título *Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XXI*, recordava os 30 anos de seu falecimento.

Contribuem nesta edição, além do professor supracitado, Miroslav Milovic, Françoise Collin, que, segundo Julia Kristeva, foi “uma das primeiras a interessar-se, com paixão e  *finesse*, pela obra de Hannah Arendt”, Sylvie Courtine-Denamy, autora do livro *Trois femmes dans des temps sombres. Edith Stein, Hannah Arendt, Simone Weil ou Amor fati, amor mundi*, Paris: Albin Michel, 1997, Fina Birulés, professora da Universidade de Barcelona e Lisa Disch, da Universidade de Minnesota.

Publicamos também a resenha de Francisco Taborda, *Teologia da Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, de Belo Horizonte*, do livro LANG, Uwe Michael, *Rivolti al Signore. L'orientamento nella preghiera litúrgica*, cuja edição no original inglês e sua tradução em outras línguas, suscitou ampla discussão.

Por sua vez, Gilmar Hermes comenta a 27ª. Bienal Internacional de São Paulo e o professor Attico Chassot, sob o sugestivo título “*Por que os bebês choram?*” reflete sobre o tema a ser apresentado nesta semana no Ciclo de Estudos Os desafios da Física para o século XXI, *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza*. Ambos são professores na Unisinos. Lee Smolin, autor do livro *A vida no cosmos*,

publicado pela Editora Unisinos e que acaba de lançar, sem tradução para o português, *The trouble with Physics*, fala sobre a Teoria do Caos, da Complexidade e das Cordas.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

## Arendt. O otimismo pensando a dignidade da política

ENTREVISTA COM MIROSLAV MILOVIC

*“O indivíduo que não pensa e se torna cúmplice dos crimes: essa é a banalidade do mal diagnosticada por Hannah Arendt como a consequência dessa tradição filosófica que quase mumificou a estrutura do ser e nos marginalizou. Por isso, Arendt vai iniciar o projeto sobre a política no contexto da diferença ontológica de Heidegger. Política faz a diferença, política cria a ontologia, a possibilidade do Novo. Arendt ainda tem o otimismo pensando a dignidade da política”, disse o filósofo iugoslavo, radicado no Brasil, Miroslav Milovic, em entrevista exclusiva, concedida por e-mail à IHU On-Line. Analisando a proximidade entre o pensamento de Arendt e o de Chantal Mouffe, enfatizou: “A condição humana na Modernidade, para Arendt e para Mouffe, é mais individual e econômica do que política e coletiva. Por isso, a Modernidade chega só até a uma democracia representativa e não até a uma democracia participativa”.*



*Milovic leciona no Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília (UnB). No XII Encontro Nacional de Filosofia da ANPOF, realizado em Salvador, Bahia, apresentou a comunicação A desconstrução da política - Hannah Arendt e Chantal Mouffe, que inspirou a entrevista a seguir. Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia de Belgrado, Iugoslávia, é doutor em Filosofia pela Universidade de Frankfurt, onde defendeu a tese Subjetividade e comunicação, orientada por Karl Otto Apel. Na Universidade de Paris IV, Sorbonne, França, cursou outro doutorado em Filosofia, com a tese Razão teórica e razão prática e suas relações com a comunidade ética e política. É pós-doutor pela Universidade de Ioannina, Grécia. De suas obras publicadas, mencionamos O argumento reflexivo. Belgrado: Sociedade Filosófica da Sérvia, 1989; Ética e discurso. Belgrado: Sociedade Filosófica da Sérvia, 1992 e Comunidade da Diferença. Rio de Janeiro, Ijuí: Relume Dumará, Unijuí, 2004.*

**IHU On-Line - É possível desconstruir e refundar a política, sobretudo a democracia, com base no pensamento de Hannah Arendt? Como e por quê?**

Miroslav Milovic - Hannah Arendt acredita que a separação platônica entre o ser e a aparência marca um passo histórico não só para a vida dos gregos, mas para todo o caminho posterior da civilização. A desvalorização da aparência e a afirmação do ser são os aspectos da reviravolta na vida dos gregos e do Ocidente europeu. Com isso, tem início uma específica tirania da razão e dos padrões na nossa vida. Isso é o que Nietzsche<sup>1</sup> elabora como o começo do niilismo na Europa. A estrutura já determinada, estática, entre o ser e a aparência, tem conseqüências catastróficas para o próprio pensamento. Ele se torna mera subsunção das aparências às formas superiores do ser. Nesse mundo tão ordenado, quase não temos que pensar mais. O pensamento não muda a estrutura dominante do ser. Essa inabilidade do pensamento termina, no último momento, nas catástrofes políticas do nosso século. Tantos crimes, mas quase sem culpados. O indivíduo que não pensa e se torna cúmplice dos crimes: essa é a banalidade do mal diagnosticada por Hannah Arendt como a conseqüência dessa tradição filosófica que quase mumificou a estrutura do ser e nos marginalizou. Por

---

<sup>1</sup> Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvalorização dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim Falou Zaratustra*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998; *O Anticristo*. Lisboa: Guimarães, 1916; *A Genealogia da Moral*. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2004. Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da *IHU On-Line*, de 13-12-2004. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela *IHU On-Line* edição 175, *Paulo de Tarso e a contemporaneidade* de 10 de abril de 2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada *Nietzsche e Paulo*. (Nota da *IHU On-Line*)

isso, Arendt vai iniciar o projeto sobre a política no contexto da diferença ontológica de Heidegger. Política faz a diferença, política cria a ontologia, a possibilidade do Novo. Arendt ainda tem o otimismo pensando a dignidade da política.

**IHU On-Line - Em que medida essa desconstrução metafísica, que inclui a política, conforme sugere Chantal Mouffe, oferece a possibilidade de se pensar uma democracia radical? Qual é a conexão entre o pensamento de Arendt com o de Mouffe?**

Miroslav Milovic - Afirmar a política e afirmá-la para além da metafísica são os pontos que unem Hannah Arendt e Chantal Mouffe<sup>2</sup>. No entanto, a inspiração da Chantal Mouffe é diferente, posto que esta não vem da filosofia heideggeriana, mas primeiro, da experiência psicanalítica, em que o sujeito é sempre falta, sempre uma condição conflitiva e segundo, da idéia derridiana da diferença. A diagnose da Modernidade, entre as duas, é semelhante também. Mouffe fala sobre a perspectiva econômica do liberalismo moderno em que a política desaparece. A despolitização é a diagnose que ela, com Arendt, faz sobre a Modernidade. A condição humana na Modernidade, para Arendt e para Mouffe, é mais individual e econômica do que política e coletiva. Por isso, a Modernidade chega só até a uma democracia representativa e não até a uma democracia participativa. O mundo liberal não é necessariamente ligado à democracia. Eu acho que as diferenças começam quando tratam o conceito do pluralismo na política. No livro sobre o paradoxo democrático, Mouffe diz que o pluralismo em Arendt fica sem antagonismo, ou que o agonismo político fica sem antagonismo. Arendt procura as soluções e não uma abertura para o caráter aberto e conflitivo da política que Chantal Mouffe quer defender.

---

<sup>2</sup> Chantal Mouffe: filósofa americana, autora de *Dimensions of radical democracy*. London: Verso, 1992 e *The democratic paradox*. London: Verso, 2000. (Nota da *IHU On-Line*)

**IHU On-Line - O que podemos entender exatamente por democracia radical? E por que ela seria uma impossibilidade, conforme o senhor cita em sua comunicação da Anpof, A desconstrução da política - Hannah Arendt e Chantal Mouffe, apresentada em 25-10-2006, em Salvador, Bahia?**

Miroslav Milovic - Chantal Mouffe quer elaborar uma concepção antifundamentalista da política. A inspiração é, como mencionei, por um lado derridiana, pensando o conceito da diferença, e por outro, psicanalítica, pensando o caráter conflitivo da natureza humana. Mouffe inclusive fala sobre os perigos de uma teoria que procura as soluções consensuais e assim marginaliza os verdadeiros conflitos. É provável que a desconstrução das políticas da identidade crie a possibilidade da democracia. A filosofia e a cultura quase sempre instauraram a ausência no ser humano, que deveria ser superada na perspectiva do tempo linear; e esse tempo é o tempo do cristianismo, do capitalismo, do hegelianismo. Desconstruindo a metafísica da presença, Derrida<sup>1</sup> articula o vazio que nunca deve ser preenchido. Preencher o vazio significaria o estabelecimento da nova identidade. Criticar a Identidade, afirmando a diferença significa que o lugar da política e do direito tem que ficar vazio, para não criar as novas formas da ideologia. Ou, com as palavras de Claude Lefort<sup>2</sup>, “a soberania

<sup>1</sup> Jacques Derrida (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973; *L'Éthique du don*, (1992), *Demeure, Maurice Blanchot* (1998), *Voiles avec Hélène Cixous* (1998), *Donner la mort* (1999). Dedicamos a Derrida a editoria *Memória* da *IHU On-Line* edição 119, de 18-10-2004. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>2</sup> Jean-Claude Lefort: filósofo francês, autor de, entre outros *A invenção democrática: os limites da dominação totalitária*. São Paulo: Brasiliense, 1983 e *Desafios da escrita política*. São Paulo: Discurso Editorial, 1999. (Nota da *IHU On-Line*)

popular junta-se à imagem de um lugar vazio, impossível de ser ocupado, de tal modo que os que exercem a autoridade pública não poderiam pretender se apropriar dela” (Lefort, C., *A invenção democrática*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 76). Neste vazio político, Chantal Mouffe entende o sentido do paradoxo democrático. A democracia cria o paradoxo, porque a realização dela seria já a sua desintegração.

**IHU On-Line - No campo da ética, em específico, como o pensamento arendtiano possibilita uma revitalização da democracia?**

Miroslav Milovic - Para Heidegger, a pergunta sobre os outros é apenas uma promessa - como dirá Habermas<sup>3</sup> - que ele nunca vai cumprir. A filosofia heideggeriana não é a filosofia dos Outros. Um específico egoísmo, talvez o egoísmo europeu, domina sua filosofia. Assim a filosofia de Heidegger se transforma numa específica geopolítica. Husserl<sup>4</sup> também, falando sobre a crise atual da humanidade, aponta a Europa como a única alternativa. Mas o que dizer sobre a tradição europeia e essa impossibilidade filosófica de incluir a questão sobre o

<sup>3</sup> Jürgen Habermas (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito que encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o logos deve contruir-se pela troca de idéias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos estabelecendo o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. Sua tese para explicar a produção de saber humano recorre ao evolucionismo de Charles Darwin. Segundo Habermas, a habilidade possibilita desenvolver capacidades mais complexas de conhecer a realidade. Evolui-se assim através dos erros. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>4</sup> Edmund Husserl (1859-1938): filósofo alemão, principal representante do movimento fenomenológico. Marx e Nietzsche, até então ignorados, influenciaram profundamente Husserl, que era um crítico do idealismo kantiano. Husserl apresenta como idéia fundamental de seu antipsicologismo a “intencionalidade da consciência”, desenvolvendo conceitos como o da intuição *eidética* e *epoché*. Pragmático, Husserl teve como discípulos Martin Heidegger, Sartre e outros. (Nota da *IHU On-Line*)

outro? O que dizer sobre esse específico autismo europeu? O conceito da Europa, por exemplo, iniciou-se e fortaleceu-se - como algumas interpretações históricas estão sugerindo - com as Cruzadas, dentro dessa identidade militar e não dentro da pergunta sobre os outros e sobre a diferença. Por causa disso, pode ser que o atual discurso sobre a grandeza européia seja somente a tentativa de esconder a sua mediocridade. No projeto arendtiano, onde não existe uma identidade originária da política, nós não somos os seres políticos por natureza. A política pode ou não acontecer entre nós. Contrária às dificuldades husserlianas e heideggerianas sobre os outros, a ação política em Arendt é sempre uma interação. Os outros são pressupostos e não só conseqüências de uma reflexão solitária. Já em livro sobre Santo Agostinho<sup>1</sup>, Arendt libera-se da ontologia heideggeriana ligada à morte e procura uma afirmação dos outros, dos próximos. Claro, Arendt sabe que Santo Agostinho não liga a liberdade à política. A liberdade para ele não é tanto um projeto político. Assim a Modernidade herda essa dimensão não-política da liberdade advinda do cristianismo.

***IHU On-Line* - A destituição do humano é uma das formas da banalidade do mal? Que exemplos dessa realidade poderiam ser dados sobre os tempos em que vivemos?**

**Miroslav Milovic** - O mundo moderno, desencantado, não fala mais a linguagem da filosofia, como pensavam os gregos, tampouco fala a linguagem divina, como pensavam os religiosos, mas fala a linguagem da ciência e da matemática. Pensando assim, Descartes<sup>2</sup> reifica o

<sup>1</sup> Aurélio Agostinho (354-430): Conhecido como Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho, bispo católico, teólogo e filósofo. É considerado santo pelos católicos e doutor da doutrina da Igreja. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>2</sup> René Descartes (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de

mundo no sentido epistemológico, o que traz conseqüências dramáticas. Husserl critica com toda a força essa reificação na qual a vida perdeu o papel constitutivo. Hoje a clonagem científica é só mais um exemplo de situação na qual a reprodução da vida é ligada à ciência e não mais à própria vida. A vida, ou melhor, o concreto, o particular, estão com a Modernidade, entrando num caminho sem saída, e no último momento serão superados no pensamento de Hegel<sup>3</sup>. O mundo moderno não é o mundo para os indivíduos.

***IHU On-Line* - Arendt sempre demonstrou enorme desconfiança com os sistemas de pensamento, que para ela se sustentavam em uma simplificação inaceitável da realidade. O espaço político no século XXI também precisa ser pensado com relação a essa multiplicidade do *Grund*, como o pensamento pós-moderno sugere?**

**Miroslav Milovic** - É compreensível, por exemplo, a desconfiança que Derrida tem sobre Heidegger. A profunda filosofia heideggeriana não fez dele um democrata. Assim, parece que o projeto da confrontação com a tradição e a Modernidade, o esboço da destruição da metafísica fica ainda aberto. A subjetividade e outros lugares privilegiados do pensamento tradicional têm de

---

coordenadas cartesianas, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentadores, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos XVII e XVIII na Europa. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>3</sup> Friedrich Hegel (1770-1831): filósofo alemão. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no séc. XX. (Nota da *IHU On-Line*)

ser desconstruídos. A metafísica que pensa a identidade - ou a metafísica da presença - tem que ser superada pelo pensamento da diferença. A hermenêutica de Heidegger ainda afirma os lugares privilegiados para pensar a autenticidade do ser. Assim, ela ainda não é a diferença verdadeira, a diferença que produz a diferença. A diferença de Heidegger parece mais uma diferença reificada, determinando - poderíamos dizer assim - os lugares para a aparição do autêntico.

***IHU On-Line - Que aspectos do pensamento político de Arendt oferecem inovações na interpretação dos grandes clássicos da filosofia, como Marx, Hegel e Heidegger?***

Miroslav Milovic - A Modernidade vem, assim parece, atrás do pensamento grego. A Modernidade afirma a vida na política, a vida biológica, quer dizer, as condições da sobrevivência, do labor e do trabalho. Sobreviver - esse foi o projeto moderno anunciado em Hobbes<sup>1</sup>. Para os gregos, podemos nos lembrar, o projeto político não era sobreviver, mas viver bem, e, quem sabe, aproximar-nos do mundo eterno, do próprio divino. A Modernidade, aproximando o privado e a natureza à política, anuncia uma específica despolitização. O mundo moderno é o mundo sem a política, o mundo da economia e das condições da sobrevivência. Nós somos testemunhas

---

<sup>1</sup> Thomas Hobbes (1588 - 1679): filósofo inglês. Sua obra mais famosa, *O Leviatã* (1651), trata de teoria política. Neste livro, Hobbes nega que o homem seja um ser naturalmente social. Afirma, ao contrário, que os homens são impulsionados apenas por considerações egoístas. Também escreveu sobre física e psicologia. Hobbes estudou na Universidade de Oxford. Ele foi secretário de Sir Francis Bacon. (Nota da *IHU On-Line*)

dessa herança. Arendt fala contra Marx<sup>2</sup>. Hoje, para sobreviver, agora no contexto do terrorismo, temos que criar as novas formas da autoridade política. Sobreviver ainda é um projeto político, ou melhor dizendo, em Arendt, é um projeto da negação da política. Estamos muito distantes do projeto grego que tentou unir a política com a liberdade e não com a natureza. Hegel liga a política com a liberdade, mas dentro de um projeto metafísico. Por isso, Arendt quer seguir o projeto heideggeriano da destruição da metafísica, articulando o caminho político dessa destruição. Incluir a interação neste projeto da diferença é a contribuição importante da Hannah Arendt.

---

<sup>2</sup> Karl Heinrich Marx (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no *Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia*, promovido pelo IHU. A palestra *A Utopia de um novo paradigma para a economia* foi proferida pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leda Maria Paulani, em 23 de junho de 2005. O *Caderno IHU Idéias*, edição número 41, teve como tema *A (anti)filosofia de Karl Marx*, com artigo de autoria da mesma professora. (Nota da *IHU On-Line*)

# Uma crítica radical da política representativa e uma aposta pela participação

ENTREVISTA COM FINA BIRULÉS

*Por e-mail, a filósofa espanhola Fina Birulés afirmou, com exclusividade à IHU On-Line, que, na obra de Hannah Arendt, pode ser localizada uma « crítica radical da política representativa », bem como uma « aposta pela participação. Mostra disso são tanto sua aposta pelo movimento dos conselhos de operários como sua distinção entre o contrato social e o contrato mútuo”. Entretanto, Birulés alerta: “a obra de Arendt não nos proporciona um “manual de instruções” sobre como deveríamos proceder”, além de “não se limitar a contar com o já pensado e atrever-se a pensar o novo de nosso tempo”.*

*Birulés é professora titular de Filosofia na Universidade de Barcelona, Espanha. Dedicou-se à investigação de temas relacionados com a Filosofia da História e os Estudos de Gênero. E é no encontro dessas vertentes que fixou como objeto privilegiado de estudo a obra de Hannah Arendt, situando-se como uma das principais especialistas em seu pensamento e realizando um trabalho destacado como tradutora e introdutora de seus textos para o espanhol.*

*Desde 1990, coordena o Seminário Filosofia y Género da mesma universidade. É membro da direção do futuro Instituto Interuniversitário de Estudos de Gênero da Cataluña (IIEDG). Entre suas obras, destacamos *Filosofía y Género. Identidades femeninas*. Pamplona: Pamiela, 1992; *En torno a Hannah Arendt*. Madrid: Centro de Estudios Constitucionales, 1995 e *Hannah Arendt. El orgullo de pensar*. Barcelona: Gedisa, 2000.*

**IHU On-Line** - Por que a senhora afirma que Arendt é uma interlocutora possível, mas que sempre incomoda?

Fina Birulés - Sua obra se destaca numa época, a nossa, em que a atividade de quem se dedica ao pensamento parece reduzir-se à mera hermenêutica, carente da coragem ou da capacidade necessárias para dizer algo sobre o mundo ou sobre sua própria experiência. Arendt não só não caiu na tentação de ganhar as simpatias de sua geração, mas também continua sendo, como o foi em vida, uma interlocutora

modesta. Efetivamente, em seus escritos, a atenção centra-se mais no processo de construir, do que no intento de dar com uma construção acabada. E isso porque sua escritura não é o resultado de um projeto de “ser uma grande pensadora” ou uma “grande escritora”, senão simplesmente fruto de um esforço por compreender em sua especificidade os fatos que viveu.

Arendt considera que a realidade não é um objeto do pensamento, mas precisamente aquilo que o ativa, não nos oferecendo algo semelhante a um modelo teórico



cômodo que nos permita dar conta de qualquer fato com o qual nos vejamos confrontados. Seu pensar é uma amostra do que significa encarar diretamente o acontecimento e tratar de compreendê-lo em sua especificidade, sem um discurso ideológico que nos sirva de *airbag* para proteger-nos ante o impacto da experiência, ou que reduza o novo ao velho, ao já conhecido.

**IHU On-Line - Como pode a obra desta filósofa ajudar-nos a reabilitar e redignificar a política?**

**Fina Birulés** - A obra de Arendt pode nos auxiliar a reabilitar e redignificar a política na medida em que ela crê que o totalitarismo não é o resultado de um excesso de política em todos os âmbitos, mas que, de fato, comporta sua destruição. Quase todos os seus trabalhos da década dos anos 1950 podem ser considerados como o resultado de sucessivas tentativas de repensar o sentido, a especificidade e a dignidade da política - ao distinguir entre domínio e poder político, e entre autoridade e poder - ou de abordar o problema da fundação da liberdade - como o faz em sua análise das revoluções modernas. Tratava-se de retornar à pergunta “O que é a política?” sem cair na ilusão de uma pura e simples recuperação da tradição, nem nos característicos enganos derivados das atitudes progressistas que, em sua opinião, costumam olhar o mundo com uma intencional falta de realismo, recusando defrontar-se com fatos desagradáveis. Arendt estava longe de compartilhar com a confiança na Ilustração, que continua dominando o autocomplacente pensamento ocidental. Basta recordar aquelas palavras do prólogo de 1950 a *As origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989-2004, segundo as quais o progresso e a fatalidade são as duas faces da mesma moeda, ambas são artigos de superstição, e não de fé. Identificar os elementos que cristalizaram nos regimes totalitários contemporâneos levou-a, posteriormente, a aprofundar, em sua análise da sociedade moderna, o processo de despolitização e de

esvaziamento da liberdade pública - de atomização dos indivíduos na sociedade de massas, prelúdio, de certo modo, do maior e mais radical isolamento dos campos de concentração - e sua conflitiva distinção entre o *social* e o *político*. Distinção que sublinha que a liberdade política necessita da presença dos demais, exigindo *pluralidade*, um espaço *entre* os homens, de modo que a política não pode ser concebida como mera superestrutura.

**IHU On-Line - É possível pensar numa democracia radical com base no legado de Arendt? Quais são as efetivas possibilidades de se dar essa radicalização e o que ela significa?**

**Fina Birulés** - Em Arendt, há uma crítica radical da política representativa, há uma aposta pela participação. Mostra disso são tanto sua aposta pelo movimento dos conselhos de operários como sua distinção entre o *contrato social* e o *contrato mútuo*. O chamado contrato social é subscrito entre uma sociedade e seu governante, e consiste num ato fictício e imaginário pelo qual cada membro entrega sua força e seu poder, isolado dos demais, para constituir um governo. Longe de obter um novo poder, cada membro da sociedade cede seu poder real e limita-se a manifestar seu consentimento em ser governado. Em troca, o contrato mútuo, mediante o qual os indivíduos se vinculam para formar uma comunidade, baseia-se na reciprocidade e pressupõe a igualdade. “Seu conteúdo real é uma promessa e seu resultado é certamente uma *societate*, no antigo sentido romano de *societas*, que quer dizer aliança. Tal aliança acumula a força separada dos participantes e vincula-os numa nova estrutura de poder, em virtude de *promessas livres e sinceras*”. Seria, pois, preciso entender a liberdade como libertação do domínio e não como a mera libertação da necessidade. Arendt recorda-nos que a teoria política não consiste em ensinar-nos *o quê* pensar para que saibamos *como* atuar, pois isso seria doutrinação. A

teoria política nos ensina como detectar os momentos de liberdade política. Segue daí que, na obra de Arendt, não se nos proporciona um “manual de instruções” sobre como deveríamos proceder.

**IHU On-Line - A acusação de Arendt ter uma concepção política elitista pode ser creditada em função de seu “retorno aos gregos”? Em que sentido essa concepção se contrapõe ao niilismo hoje exposto na democracia e pode ajudá-la a revitalizar sua característica de não eliminar o conflito, porém ordená-lo?**

**Fina Birulés** - Esta acusação é, em boa medida, fruto de uma leitura superficial de sua obra. Basta ler com atenção para dar-se conta que Arendt não é uma nostálgica da *polis*, mas trata-se de investigar que mudanças, que elementos do século XIX consolidaram-se nos terríveis acontecimentos do século XX. Mostra disso são suas palavras em *A condição humana*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002-2005: “Quando o movimento operário apareceu na cena pública, foi a única organização na qual os homens atuaram e falaram *qua* homens - e não *qua* membros da sociedade”. Se se pode falar de elitismo, este não consiste em nada mais do que em afirmar que nem todos estamos interessados no âmbito do político, porém jamais ela deixa de sublinhar o direito - e não a obrigação - de todos a participarem. Como disse antes, Arendt está disposta a olhar com realismo o panorama político, de modo que se poderia afirmar que, para ela, o importante é enfrentar os problemas sem pensar que há rápidas soluções, tratando de rearticulá-los de forma não violenta e com a coragem necessária para não endossá-los nos mesmos termos à próxima geração.

**IHU On-Line - A senhora afirma que é muito difícil ser arendtiano, pois Arendt não tem uma vontade de sistema, porém uma vontade de pensar os**

**acontecimentos. Seria esta a “herança sem testamento” à qual a senhora se refere?**

**Fina Birulés** - Efetivamente, para ela, a ruptura do fio da tradição que teve lugar no século XX é irreversível, razão pela qual está muito presente em sua obra a heterogeneidade entre as velhas ferramentas conceituais e a experiência contemporânea. De modo que achamos, em sua obra, chaves sobre como responder aos acontecimentos de seu presente, porém, em nenhum caso, proporcionando-nos chaves para compreender e responder a qualquer situação, o que corre a cargo de nossa responsabilidade.

**IHU On-Line - De que modo as filosofias de Simone Weil e Hannah Arendt se aproximam e que outra leitura do marxismo elas podem oferecer?**

**Fina Birulés** - Tanto Arendt como Weil<sup>1</sup> estão interessadas na obra de Marx, da qual ambas têm consciência dos limites. A primeira, que elogia os escritos da segunda, considera que Marx detectou as importantes mudanças que se produziram no século XIX, mas que ele os interpretou com base nas categorias da tradição. Simone Weil afirma que é um grande erro partir da teoria marxista do desenvolvimento das forças de produção como motor da história, de modo que parece que a tarefa das revoluções não consiste na liberdade dos homens, e sim na liberação de suas forças produtivas, que finalmente poderão dar aos humanos o ócio suficiente para libertá-los do trabalho até chegar a um estado paradisíaco. Weil desconfia dos que estão

---

<sup>1</sup> **Simone Weil (1909-1943)**: filósofa cristã francesa, centrou seus pensamentos sobre um aspecto que preocupa a sociedade até os dias de hoje: o tormento da injustiça. Vítima da tuberculose, Weil recusou-se a alimentar-se, para compartilhar o sofrimento de seus irmãos franceses que haviam permanecido na França e viviam os dissabores da Segunda Guerra Mundial. Sobre Weil, confira as edições número 84, de 17 de novembro de 2003, e número 168 da *IHU On-Line*, de 12 de dezembro de 2005, sob o título *Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XX*. (Nota da *IHU On-Line*)

convencidos de que qualquer tentativa de ação que não consista no desenvolvimento das forças produtivas esteja destinada ao fracasso e de que o progresso das forças produtivas fará progredir a humanidade, embora o preço seja o de uma opressão provisional. Ou seja, segundo Weil, crer que nossa vontade converge para uma misteriosa vontade que atuaria no mundo e ajudaria a ganhar é pensar religiosamente. Tal seria o verdadeiro ópio do povo.

**IHU On-Line - Como pode Arendt ajudar-nos a entender os totalitarismos do século XXI? Sua concepção de banalidade do mal continua sendo atual?**

**Fina Birulés** - Arendt conheceu a indiferença como característica do mal no século XX e talvez este seja o mal em nosso tempo. Mas, até onde os acontecimentos que vivemos podem ser compreendidos com a categoria de “totalitarismo”? Certamente, para opor-nos ativamente a eles, pode ser que tal categoria nos sirva, porém, para dar conta da especificidade de nosso presente, é necessário um trabalho analítico e conceitual semelhante ao que ela teve que desenvolver: não se limitar a contar com o já pensado e atrever-se a pensar o novo de nosso tempo.

**IHU On-Line - A situação atual do Estado de Israel pode ser interpretada segundo quais elementos do pensamento de Arendt?**

**Fina Birulés** - Um possível caminho para ver até onde as reflexões de Arendt podem servir de base para uma análise de tal situação se pode ler no livro da historiadora Idith Zertal<sup>1</sup>, *La nation et la mort, la Shoah dans le discours et la politique d'Israel*. Editions La Decouverte, Paris 2004 (*A nação e a morte, a Shoah no discurso e a política de Israel*).

---

<sup>1</sup> Idith Zertal: historiadora israelita, autora de, entre outros, *La nation et la mort, la Shoah dans le discours et la politique d'Israel*. Editions La Decouverte, Paris 2004. (Nota da *IHU On-Line*)

**IHU On-Line - De que modo as filosofias de Heidegger e Jaspers marcaram a trajetória intelectual de Arendt? E por que ela fala que Heidegger cometeu um “engano político” do mesmo tipo daquele que Platão cometeu em relação à tirania?**

**Fina Birulés** - Arendt compartilha efetivamente com Heidegger de muitos aspectos de sua reflexão sobre o pensamento, porém tanto sua crítica à tradição metafísica como sua idéia de que a filosofia é da ordem do significado, e não do conhecimento, indicam para uma tentativa, nunca de todo resolvida, de reconsiderar o nexos entre o pensar e a política, e não para o “esquecimento do ser”. Arendt não condena a filosofia, limita-se a constatar que o filósofo não mostrou maior competência que os demais, quando se trata de pensar o particular, quando se dirige aos assuntos humanos. Em especial, podemos considerar que o caso de Heidegger - de quem apreciava seus êxitos filosóficos, embora a perturbassem sua inabilidade como agente e seu *acosmismo* - aparece na maioria das reflexões sobre a tensão entre o pensar e o político que encontramos ao longo de sua obra. Em troca, com Jaspers<sup>2</sup> ela se sente mais próxima, na medida em que sua aposta é por um pensar vinculado ao diálogo, à fala ou, como disse Arendt, em exortação a que “os seres humanos falem entre si, embora o dilúvio se abata sobre eles”.

---

<sup>2</sup> Karl Theodor Jaspers (1883-1969): filósofo e psiquiatra alemão. Ensinou filosofia em Heidelberg desde 1921 e em Basileia a partir de 1948. Fez o doutoramento em medicina, tendo inicialmente, dedicado-se à psicologia. É também conhecido como um dos principais representantes do existencialismo. (Nota da *IHU On-Line*)

## “A banalidade do mal é o mal da covardia”

ENTREVISTA COM FRANÇOISE COLLIN

*Ao refletir sobre o significado da banalidade do mal, fórmula com a qual Hannah Arendt descreveu o comportamento do carrasco alemão Adolf Eichmann, a filósofa francesa Françoise Collin, do Centre Parisien D'Études Critiques, afirma: “A banalidade do mal é o mal da covardia, que faz nos afastarmos do assassinato dos próprios vizinhos como se não nos dissesse respeito. E, mais geralmente, que se ‘deixe fazer’, fechando-se sobre o único cuidado de si”. A declaração foi concedida com exclusividade, à IHU On-Line, por e-mail. De acordo com Collin, o pensamento arendtiano auxilia a consolidar os direitos humanos “pelo acento posto na singularidade”. Isso porque “cada um é alguém”.*

*Collin foi a organizadora do primeiro colóquio realizado na França, no Collège International de Philosophie, sobre a obra de Hannah Arendt. É autora de inúmeras obras de ficção e filosofia, dentre as quais citamos Maurice Blanchot et la question de l'écriture. Paris: Poche Gallimard - Te, 1988; Hannah Arendt : l'home est-il devenu superflu? Ed. Odile Jacob, 1999 e Repenser le politique, l'apport du féminisme, anthologie de philosophes américaines. Paris: Campagne Première, 2005. Doutora em Filosofia, lecionou em Bruxelas, nas Faculdades St. Louis e no Instituto Superior de formação Social, depois em Paris, na Universidade Americana (CPEC) e no Collège International de Philosophie. Em 1972, fundou a primeira revista feminista de língua francesa: Les Cahiers du Grif. Neste mês, abriu o Colóquio Blanchot/Levinas, organizado na UNESCO, por iniciativa de Eric Hoppenot, e participará no Colóquio Arendt organizado no Centro Georges Pompidou (Beauborg), em que ela tratará do tema Limites da violência. Violência dos limites.*



**IHU On-Line - Quais os aspectos do pensamento arendtiano que podem contribuir para a revitalização do conceito de comunidade?**

**Françoise Collin -** A noção de “mundo comum” (antes que de comunidade) é essencial para Hannah Arendt, mas o mundo comum não é, ou não é somente um fato, é um ato, requerendo a iniciativa de cada um(a). Ele é compreendido não somente como o comum dos iguais, mas como o comum dos diferentes. O que permite a

comunidade dos diferentes é “o diálogo plural”, sobre o qual ela insiste muito: a pluralidade não sendo a multiplicidade, mas a diversidade daqueles que se manifestam. A interpelação mútua de uns pelos outros é o que cimenta o comum.

**IHU On-Line - Em que aspectos podemos dizer que suas idéias políticas apresentam influências do mundo clássico grego? A partir disso, como é possível conciliá-**

las com as filosofias de Kant e de Santo Agostinho e fundá-los num agir moral?

**Françoise Collin** - Ela se refere aos filósofos gregos, Platão<sup>1</sup> e Aristóteles<sup>2</sup>, sem esquecer os pré-socráticos. Mas ela se refere também ao modelo democrático da cidade grega, para mostrar ao mesmo tempo sua importância e seus limites, porque a *polis* grega instaura um mundo comum público, uma *ágora*, onde cada um pode manifestar sua opinião e confrontá-la com a dos outros. Mas há limites, pois o acesso à *ágora* é reservado, de uma parte, somente aos homens (sendo as mulheres confinadas na casa com os escravos), e, de outra parte, somente aos gregos de nascimento. Trata-se de uma pluralidade, mas de uma pluralidade dos mesmos, uma pluralidade que procede previamente de exclusões. É esse todo o problema que Arendt expõe - e, sem dúvida, com base em sua origem judaica: como ser cidadão sem precisar dissimular ou renegar sua origem "nacional", como, apesar dessa origem, ser um cidadão por inteiro.

**IHU On-Line - Quais as influências de Arendt sobre o feminismo de nossa época?**

**Françoise Collin** - Hannah Arendt não se engajou nem no feminismo alemão, que se expandia na Alemanha antes da Segunda Guerra Mundial (onde se manifesta, por

---

<sup>1</sup> Platão (427-347 a. C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Idéias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* e o *Fédon*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>2</sup> Aristóteles de Estagira (384 a C. - 322 a. C.): filósofo grego, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas - por um lado originais e por outro reformuladoras da tradição grega - acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se: ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da *IHU On-Line*)

exemplo, (Marianne Weber<sup>3</sup>), embora ela tenha publicado um artigo sobre o livro de uma feminista (artigo retomado em francês nos *Cahiers du Grif: Hannah Arendt*, 1985), nem no feminismo americano dos anos 1960. No entanto, em diversos pontos de sua obra, ela realça o problema que representa o fato de ser uma mulher num mundo de homens, e pode-se pensar que sua insistência sobre a importância do papel das diferenças na pluralidade tem a ver com sua experiência de mulher e com sua experiência de judia. Acontece, além disso, que seu primeiro livro: *Rahel Varhaegen*, escrito pouco antes de sua partida da Alemanha, embora ele seja publicado bem mais tarde, quando ela vivia nos Estados Unidos, analisa o destino de uma mulher judaica no Século das Luzes e a dupla marginalização com a qual ela se defronta.

**IHU On-Line - À luz do pensamento de Arendt, como podemos compreender os totalitarismos que existem no século XXI?**

**Françoise Collin** - O totalitarismo representa uma decorrência bem precisa da vida política do século XX, a saber, o nazismo conduzindo à exterminação de milhões de pessoas, não em razão de sua oposição ao regime, mas em razão de sua raça, porque elas são consideradas como supérfluas. Trata-se de um fenômeno único na história, o que não significa que não haja outras formas políticas devastadoras no mundo, mas que é preciso analisar cada uma em sua especificidade. É verdade que lhe ocorre juntar o estalinismo ao nazismo nessa análise, na medida em que, para um e o outro regime, os indivíduos em particular são despojados de toda autodeterminação, em favor de um poder e de uma ideologia que funcionam à sua revelia e por cima de suas cabeças.

---

<sup>3</sup> Marianne Weber (1870-1954): feminista alemã e escritora. Foi esposa do sociólogo Max Weber. (Nota da *IHU On-Line*)

**IHU On-Line - E como o pensamento de Arendt ajudou na consolidação dos direitos humanos?**

**Françoise Collin** - Pelo acento posto na singularidade: cada um é alguém - diz ela, independentemente de todos os seus outros componentes. Mas ela insiste no fato de que os direitos humanos (os direitos do homem) são um princípio nobre, mas vazio, se eles não são ampliados com os direitos do cidadão, isto é, daquele que pode “se manifestar pela palavra e pela ação” na constituição de um mundo comum. Há um “direito de ter direitos”, diz ela. Sabendo que no mundo por vir, os homens serão mais confrontados com a migração, ocorre-lhe mesmo sonhar com uma “cidadania ‘trans-estática’” (como ela a pensou, aliás, para os judeus dispersos em numerosas nações).

**IHU On-Line - O que seria a destituição do ser humano à qual se refere Arendt? Como ela se relaciona com o totalitarismo?**

**Françoise Collin** - A exterminação, certamente, que é a destruição física dos “inoportunos” ou dos “supérfluos”. Também a exclusão de camadas sociais, de raças ou de nações, do diálogo constitutivo do mundo comum, do diálogo democrático, nacional ou internacional. A parte da vida e a parte dos direitos, e, em primeiro lugar, do direito à palavra.

**IHU On-Line - A banalidade do mal continua presente em nossa sociedade? Como? A burocracia moderna prossegue sendo uma das premissas dessa banalidade do mal?**

**Françoise Collin** - A banalidade do mal, fórmula que foi mal compreendida na época por seus leitores, quando ela visava à exterminação dos judeus, não significa que o mal cometido seja banal, mas que, infelizmente, o mal não é cometido por grandes criminosos, havendo exceção, mas por aqueles que se podia crer serem pessoas honestas, honestos pais de família, como ela o

diz, e potencialmente por cada um de nós, se ele/ela não exerce constantemente sua vigilância e sua faculdade de julgar. Assim, sob o nazismo, milhares de “pessoas bravas” deixaram fazer sem protestar, deixaram massacrar seus vizinhos, seus próximos, como se eles não percebessem nada. O crime não está somente no fato de abster-se de julgar e de decidir, de tomar partido. A banalidade do mal é o mal da covardia, que nos leva a afastar-nos do assassinato dos próprios vizinhos como se não nos dissesse respeito. E mais, que se “deixe fazer”, fechando-se sobre o único cuidado de si.

**IHU On-Line - De que forma podemos compreender a afirmação de Arendt de que o território do qual emergiu o monstro totalitário é o mesmo de onde surgiu a democracia liberal?**

**Françoise Collin** - No que diz respeito à Europa, em todo o caso, é lá, com efeito, que foi fundada a democracia, isto é, o poder do povo pelo povo. Como esta mesma Europa, e esta Alemanha que foi o berço do pensamento das Luzes, puderam dar lugar ao totalitarismo? Não há resposta lógica (mesmo se numerosas análises podem esclarecer o surgimento do nazismo e de Hitler numa Alemanha humilhada por sua derrota na Primeira Guerra Mundial e por uma miséria que atingia as classes médias). Em todo o caso, vemos que a grandeza do pensamento jamais preserva da decadência política.

**IHU On-Line - Como percebe a influência de Heidegger na obra de Arendt? Em que aspectos ela rompe e supera seu pensamento?**

Françoise Collin - O ensinamento de Heidegger<sup>1</sup>, de quem ela era aluna, foi determinante para Arendt em sua juventude, pelo menos porque ele lhe passou a convicção da importância de “pensar”, e de pensar por si mesma. Ela jamais o negou, já que ela publicou suas obras nos Estados Unidos após a guerra. Ela não é a única a ter pensado fundamentada em Heidegger, sem segui-lo, no entanto, em sua deriva. Não se pode esquecer que outros pensadores, e mesmo outros pensadores judeus, tão importantes como Emmanuel Levinas<sup>2</sup> (de quem se

---

<sup>1</sup> Martin Heidegger de Messkirch (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a *IHU On-Line* publicou na edição 139, de 2-05-2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, e 187, de 3-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, disponíveis para download no sítio do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu). Confira, ainda, o nº 12 do *Cadernos IHU Em Formação* intitulado *Martin Heidegger. A construção da metafísica*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>2</sup> Emmanuel Levinas: filósofo e comentador talmúdico, nasceu em 1906, na Lituânia, e faleceu em 1995, na França. Desde 1930 era naturalizado francês. Foi aluno de Husserl e conheceu Heidegger, cuja obra *Ser e tempo*, de 1927, o influenciou muito. “A ética precede a ontologia” é uma frase que caracteriza o pensamento de Levinas. Ele é

celebra o centenário de nascimento), também foram entusiastas do pensamento de Heidegger, de quem também seguiram os seminários antes da guerra. Pode-se hoje, anos mais tarde, detectar tudo o que, no pensamento do filósofo, tinha ressonâncias danosas, mas, no momento de sua recepção, em odo o caso, sua mensagem não teve tal ressonância. Este é todo o mistério da polissemia de uma obra... No entanto, não se pode, em algumas linhas, analisar o que em Arendt é herança de Heidegger. Digamos, ao menos, que o que não o é, é a idéia da necessidade da iniciativa singular “se manifestar pela palavra e pela ação” como “alguém”, em relação não com o Ser, mas com a pluralidade dos outros. O “hören” [escutar] que, em Heidegger, é a escuta do Ser, de cada ‘estar-aí’ solitário, é simultaneamente para Arendt escuta dos outros, os “alguéns” na constituição de um mundo.

---

autor do livro que o consagrou *Totalité et infini. Essai sur l'extériorité* que foi traduzido para o português com o título *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 2000. No Brasil, a Editora Perspectiva, publicou *Quatro leituras talmúdicas*, em 2003, e a Editora Vozes, *De Deus que vem a idéia*, em 2002. (Nota da *IHU On-Line*)

## Arendt e o imperativo de estar presente

ENTREVISTA COM SYLVIE COURTINE-DENAMY

*Sylvie Courtine-Denamy, doutora em Filosofia e pesquisadora do Centro de História Moderna e Contemporânea do Povo Judeu (E.P.H.E.), é autora do livro **Trois Femmes dans des sombres temps. Edith Stein, Hannah Arendt, Simone Weil ou Amor fati, amor mundi. Paris: Albin Michel, 1997. Especialista em Hannah Arendt, ela fala na entrevista que segue, concedida à IHU On-Line, por e-mail, que “não reportar-se nem ao passado, nem ao futuro, mas estar plenamente presente”, este é o imperativo ao qual Arendt se ateve e colocou em prática depois de tê-lo descoberto na Lógica do seu mestre Karl Jaspers: essa também é a divisa que poderia guiar-nos neste mundo já destituído de referências”. E acrescenta que a filósofa ficava irritada como papel de “mulher de exceção” que pretendiam fazê-la representar (a primeira mulher filósofa, a primeira mulher a ser convidada nas conferências de Princeton etc...), pois isso lhe lembrava o status dos “judeus como exceção”, que lhe causava horror. A seus olhos, todo indivíduo, seja mulher ou homem, deve o seu status tão somente à sua competência”.***



*Courtine-Denamy recebeu o Prêmio Alberto Benveniste pelo seu livro **La Maison de Jacob. La langue pour seule patrie. Paris: Phébus, 2001. Está publicado em português o seu livro Cuidado com o Mundo - o diálogo entre Hannah Arendt e alguns de seus contemporâneos. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004. Na edição 168 da IHU On-Line, de 12-12-2005, dedicada a analisar o legado de Arendt, Simone Weil e Edith Steis, concedeu a entrevista **Três mulheres em tempos sombrios. O material está disponível para download na página eletrônica do IHU.*****

**IHU On-Line - Como a filosofia de Hannah Arendt pode auxiliar as mulheres do século XXI a assumirem sua importância no processo político?**

Sylvie Courtine-Denamy - Hannah Arendt não era "feminista" se é que ser feminista implica militar a favor da "mulher", vista como uma entidade global e indistinta, da mesma forma que "os trabalhadores". Contrariamente a tais "abstrações", a sua única preocupação era o desabrochar e a preservação da singularidade de cada um, a revelação do "quem", a resposta à pergunta que outros me fazem: "quem é você?". Contudo, isso

pressupõe o laço com os outros, o fato de expor-se no palco público para que sua voz seja ouvida e também se engajar na ação. Esta revelação não poderia ser, portanto, o viver uma vida de isolamento, debruçada no trabalho e confinada dentro de casa, a idiotia (*idion*) da vida privada ausente do mundo, e é nisso que consiste o exemplo de Hannah Arendt para os homens e as mulheres do século XXI: assumir a sua responsabilidade em relação ao mundo, responder pelo mundo, já que "nós não estamos apenas no mundo, mas somos do mundo".

**IHU On-Line - Um dos livros da senhora, intitulado *Três mulheres em tempos sombrios*, retoma o título de Arendt, *Homens em tempos sombrios*. A senhora acredita que as mulheres de hoje ainda vivem em tempos sombrios? Por quê? E a política, também continua refém desses tempos sombrios?**

**Sylvie Courtine-Denamy** - Não, a expressão dos "tempos sombrios", que a própria Hannah Arendt retoma de um poema de Bertolt Brecht<sup>1</sup>, tem uma conotação bem precisa que se refere à desumanidade nazista e não pode, portanto, aplicar-se à época atual, embora haja, infelizmente, numerosos países ainda onde os homens, e as mulheres mais especificamente, sofrem a opressão e a repressão. No final do seu ensaio *Ideologia e terror*, publicado em *As origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989-2004, Hannah Arendt encarava a eventualidade de o totalitarismo perdurar entre nós. A data de 11 de setembro de 2001 apresenta, sem dúvida, analogias com os totalitarismos nazista e bolchevista: a aspiração totalitária de controlar a vida em sua integralidade, supostamente em nome do Corão, o desprezo com relação à decadência do mundo ocidental devido ao progresso e à separação entre o Estado e a religião e, conseqüentemente, o desejo de retornar a um passado intelectualmente mais brilhante e restaurar o califado do século VII, o anti-semitismo ostentado, a reivindicação de supranacionalismo - a "nação islâmica", a "nação de Maomé" - negando precisamente a pluralidade que é, segundo Arendt, "a lei da terra". Contudo, apesar do número de mortes civis provocadas pelos atentados suicidas, a despeito das ameaças proferidas pelo presidente iraniano contra o Estado hebreu, temos que reconhecer que, até agora pelo menos, o terrorismo islâmico não criou campos de

---

<sup>1</sup> Bertold Brecht (1898-1956): escritor que fez poesia, teatro, ensaios e roteiros de cinema, lutando durante toda a sua vida pelos oprimidos. Claramente assumiu posições de esquerda e procurou colocar a luta de classes no palco, buscando a dúvida dialética. (Nota da *IHU On-Line*)

exterminação e tampouco dispõe de um aparelho de Estado, mesmo se numerosos estados apóiam seus combatentes. Por conseguinte, com o 11 de setembro, talvez estejamos na presença de alguma coisa inédita, sem precedente - como era o caso, de acordo com Hannah Arendt, com os governos totalitários - para a qual carece tanto um novo conceito quanto uma nova definição. Alguma coisa que marca uma data não apenas para os Estados Unidos, mas na história da humanidade, no sentido em que, como o escreve Jacques Derrida, "marcar uma data pressupõe que alguma coisa ocorre ou se produz pela primeira e última vez".

**IHU On-Line - Como a trajetória de Arendt pode inspirar as mulheres filósofas contemporâneas?**

**Sylvie Courtine-Denamy** - Toda trajetória é singular, por definição, mas me parece que o que se deve precisamente considerar no exemplo de Arendt, é o seu grau de liberdade muito elevado, a sua ausência de preconceito, a sua vontade de não situar-se em lugar algum, de não ser enquadrada em nenhuma categoria. Portanto, como ela mesma definiu: "Não me encaixo".

**IHU On-Line - *Amor mundi, amor fati* era o título inicial do livro que Arendt projetava para a obra *A condição humana*. Esse *amor mundi* teria algum traço do *amor fati* nietzschiano, de aceitação incondicional da realidade, de uma existência afirmativa?**

**Sylvie Courtine-Denamy** - *Amor mundi* era, de fato, o título que Hannah Arendt tinha em mente, a princípio, para o livro ao qual acabou dando o título a *A condição humana*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002-2005, conforme ela explicava ao seu mestre Karl Jaspers, este livro marcava, de fato, aos seus olhos, a sua "reconciliação" com um mundo onde não somente "tudo é permitido" (fórmula do niilismo), mas também onde tudo (a exterminação dos homens em nome de sua

"superfluidade") tinha se tornado "possível", um mundo onde temos que continuar, apesar de tudo, a viver. A expressão *amor fati* não pertence, de maneira alguma, ao vocabulário de Hannah Arendt. E se eu escolhi este subtítulo para o meu livro *Três mulheres em tempos sombrios: Edith Stein, Hannah Arendt, Simone Weil*, é precisamente para marcar a oposição entre duas atitudes bem diferentes com relação à vida: o amor pelo mundo em Hannah Arendt, uma atitude de responsabilidade política, sem nenhuma conotação religiosa, enquanto o *amor fati* nietzschiano e estóico, a "aceitação", a aquiescência, ou ainda a resignação ao destino, caracterizaria mais a atitude de Simone Weil e de Edith Stein, impregnada de religiosidade, uma cedendo à atração da conversão, a outra hesitando incessantemente na entrada da Igreja.

**IHU On-Line - Em que medida esse entendimento possibilita fundamentar o engajamento político? Por que Arendt não se interessou pela questão da libertação da mulher quando viveu nos EUA?**

Sylvie Courtine-Denamy - O seu amigo Hans Jonas<sup>1</sup> explica este desinteresse pela condição feminina com base no fato de que Hannah Arendt queria conservar as suas "qualidades" femininas, isto é, os privilégios ligados à condição feminina. Para ele, o termo "feminismo" tem, indiscutivelmente, uma conotação bem pejorativa, é sinônimo de vulgaridade e agressividade. Uma frase de Hannah Arendt, em sua entrevista com Gauss<sup>2</sup>, foi pronunciada a favor desta explicação bastante conservadora: "Sempre achei que existiam atividades determinadas que não convinham às mulheres. Dar

---

<sup>1</sup> Hans Jonas (1902-1993): filósofo alemão, naturalizado norte-americano, um dos primeiros pensadores a refletir sobre as novas abordagens éticas do progresso tecnocientífico. A sua obra principal intitula-se: *Das Prinzip Verantwortung. Versuch einer Ethik für die technologische Zivilisation*, 1979. (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> Christian Gauss (1878-1951): crítico literário e professor de literatura americano. (Nota da IHU On-Line)

ordens não fica bem para uma mulher, e é a razão pela qual ela deve esforçar-se a evitar tais situações se quiser, apesar de tudo, conservar suas qualidades femininas...". Se, dar ordens não fica bem para uma mulher, é porque Hannah Arendt se apóia na política no sentido aristotélico do termo, a saber, a tomada de decisão pela palavra e a persuasão e não pela força e a violência. Mas me parece também, assim como ela mesma o diz em algum lugar, que o combate pela libertação feminina, tal como se apresentava em sua época, lhe parecia puramente "social", abstrato e ineficaz: ela esperava, portanto, das mulheres, que elas se comprometessem ao mesmo título que os homens na via "política". Assim como ela o explica em seu *Journal de pensée*, não se deve confundir a parte com o todo. "Essencializar", globalizar, é este o erro: "o absurdo que consiste em organizar as mulheres na qualidade de mulheres. O pecado mortal consiste em fazer passar o *méros* (= a parte) por um *genos* (= o todo): conceito de raça". Aliás, tais eram, já, os argumentos invocados por Rosa Luxemburgo<sup>3</sup>. E no artigo que ela consagrou à La Passionaria<sup>4</sup> em *Vidas políticas*, Hannah Arendt faz precisamente o elogio daquela que tinha escolhido "a pequena diferença" contra a "igualdade sufragista". Acho que ela teria zombado do conceito de "discriminação positiva" que irrompeu em nossa época, e principalmente no que se refere à questão da quota da representação feminina na política. A própria Hannah Arendt ficou muitas vezes irritada pelo papel de "mulher como exceção" que pretendiam fazê-la representar (a primeira mulher filósofa, a primeira mulher a ser convidada nas conferências de Princeton etc...), pois isso lhe lembrava o *status* dos "judeus como exceção", que lhe causava

---

<sup>3</sup> Rosa Luxemburgo (1870-1919): filósofa marxista e revolucionária polonesa. Participou na fundação do grupo de tendência marxista que viria a tornar-se, mais tarde, o Partido Comunista Alemão. (Nota da IHU On-Line)

<sup>4</sup> La Passionaria (1895-1989): líder espanhola comunista. (Nota da IHU On-Line)

horror. A seus olhos, todo indivíduo, seja mulher ou homem, deve o seu *status* tão somente à sua competência.

**IHU On-Line - A confissão de Arendt a Hans Jonas de que, após se ocupar da política, iria dedicar-se a coisas urgentes, não contradiz, em certo sentido, o valor que sempre deu à ação política, além de pressupor um dualismo que privilegia a teoria em relação à práxis?**

Sylvie Courtine-Denamy - Se a História não tivesse irrompido na vida de Hannah Arendt sob a forma do hitlerismo e das perseguições contra os judeus, entrando a sua carreira universitária, torna-se claro que a sua reflexão não se teria voltado e demorado no destino dos judeus, nas conseqüências paradoxais da emancipação que os transformaram em párias ou em novos ricos, que ela não teria realizado uma pesquisa sobre as *Origens do Totalitarismo*, que não teria refletido tanto na decadência da política em nosso tempo, e que ela nos teria entregue de imediato *A Vida do espírito*. Entretanto, o que foi para ela uma "má sorte" talvez constitua para nós, ao contrário, uma "sorte", a de ver sendo elaborada a procura de uma nova política que, indo de encontro à tradição do pensamento filosófico, não privilegiaria mais, de modo exclusivo, a torre de marfim, não afirmaria mais a supremacia do *bios theoretikos* mas assumiria, como fio condutor, a pluralidade, a natalidade e a capacidade de atuar, em que consiste a essência do homem, bem como a sua capacidade de julgamento.

**IHU On-Line - A senhora poderia explicar o sentido de sua afirmação em entrevista à nossa revista, edição 168, de 12-12-2005, quando disse que o elo entre Arendt e Heidegger é de uma "fidelidade infiel"?**

Sylvie Courtine-Denamy - Hannah Arendt ficou, durante toda a sua vida, fascinada por aquele que ela chama, na homenagem que ela lhe presta por ocasião de

seus oitenta anos, "o rei secreto" que ensinou a pensar a jovem estudante de dezoito anos que ela era então, na época em que frequentou seus cursos em Marburg. Sua intenção era dedicar-lhe o livro a *Condição do homem moderno*, confessando "ele te deve tudo em todos os sentidos", razão do seu despeito quando o Sr. Heidegger não respondeu ao envio do seu livro que ela considerava como o seu livro de "teoria política". Parece, muitas vezes, que o seu pensamento é uma reação contra Heidegger, e esta é uma maneira de ser-lhe fiel, sendo-lhe, ao mesmo tempo, infiel. Assim, por exemplo, a sua insistência sobre o tema da "natalidade" como promessa de um novo início, em oposição a "o ser em direção à morte" que caracteriza, em Heidegger, a essência do homem. Ou ainda, enquanto o Sr. Heidegger lhe confessa, em sua correspondência, que não tem grande interesse pela política, ela, ao contrário, manifesta um enorme interesse pela mesma, valorizando a ação, julgando, como Leo Strauss<sup>1</sup>, que a questão da "boa sociedade" está no âmago da vida política a partir do ano de 1933. Do mesmo modo, o empenho sustentado por Arendt encontra a sua formulação na expressão "preocupação pelo mundo", conceitos que se encontram bem presentes em Heidegger igualmente onde, desde *Ser e tempo* o fato de dedicar atenção indica a finitude característica do ser no mundo em oposição ao "bem de Deus (imortal) único suscetível de concluir a si mesmo, de acordo com a sua própria natureza", mesmo se ambos os conceitos não abrangem, evidentemente, a mesma realidade para os dois autores. E se Heidegger passou ao lado do "centro da política", conforme afirmado por ela em *O interesse pela política no pensamento filosófico europeu hoje* (1954), é precisamente porque ele omitiu pensar "o homem como ser atuante", privilegiando a pergunta "Como é que devemos pensar?" com relação à pergunta kantiana "O que devemos fazer?", e não

---

<sup>1</sup> Leo Strauss (1899-1973): filósofo político americano. (Nota da *IHU On-Line*)

hesitando em identificar o "pensar" e o "atuar". Ora, uma equivalência dessas é inadmissível para Hannah Arendt, constituindo a ação de comum acordo e o pensamento solitário duas posições "existenciais" totalmente diversas. Se Hannah Arendt desafia também a "pensar o que nós fazemos", se ela também enfatiza o fato de que o homem moderno não perdeu as suas faculdades, que ele tem a necessidade de pensar, ela convida, do mesmo modo, a recuperar a faculdade de atuar, atualmente monopolizada pelos cientistas. A "preocupação pelo mundo", em Hannah Arendt, consiste, portanto, num

vaivém entre a ação e o espírito, mais do que numa abdicação da categoria da ação.

**IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?**

**Sylvie Courtine-Denamy** - "Não reportar-se nem ao passado, nem ao futuro, mas estar plenamente presente", este é o imperativo ao qual Hannah Arendt se ateve e colocou em prática depois de tê-lo descoberto na Lógica do seu mestre Karl Jaspers: essa também é a divisa que poderia guiar-nos neste mundo já destituído de referências.

## A crise da participação política

ENTREVISTA COM LISA DISCH

*Na opinião da filósofa americana Lisa Disch, Hannah Arendt "persistentemente dirige nossa atenção para a crise da participação política que é uma entre outras tantas em nosso tempo", mas que "é freqüentemente negligenciada". E continua: "Uma das mais interessantes lições que acredito que Arendt extraiu da Revolução Americana diz respeito à necessidade de criar instituições que promovam liberdade política caso você queira que as pessoas a exercitem. Um dos comportamentos políticos apáticos de hoje se deve à falta de imaginação de nossas visões institucionais de democracia. Eleições competitivas e o sistema de dois partidos não acabam com isso!" As declarações foram dadas em entrevista por e-mail à IHU On-Line, com exclusividade, refletindo sobre a importância do legado arendtiano para compreender os tempos em que vivemos. Disch leciona no Departamento de Ciência Política da Universidade de Minnesota, Estados Unidos. Suas especialidades são teoria política, história do pensamento político, teoria feminista, processos eleitorais e teoria democrática, entre outras.*

*Ph.D. pela Rutgers University, EUA, é autora de inúmeras obras, dentre as quais citamos: Hannah Arendt and the Limits of Philosophy. New York: Cornell University Press, 1994. Recebeu vários reconhecimentos acadêmicos por suas pesquisas. O mais recente deles é o prêmio Arthur "Red" and Helene B. Motley Exemplary Teaching Award, 2001 - 2002.*



**IHU On-Line** - Arendt dizia que não era filósofa, mas que sua profissão era a teoria política. Quais são suas principais contribuições para se repensar a política na atualidade?

Lisa Disch - Arendt persistentemente dirige nossa atenção para a crise da participação política. Essa é apenas uma entre outras tantas em nosso tempo, mas é uma que é freqüentemente negligenciada. Como Arendt bem compreendeu, a simples felicidade de agir em público é rara, frágil e subestimada.

**IHU On-Line** - Uma das grandes preocupações dessa filósofa com relação à Modernidade era a tentação do homem para a interiorização e a conseqüente perda do espaço público ou a dignidade política. Essa preocupação ainda vale para o sujeito político contemporâneo?

Lisa Disch - Sim, mas possivelmente de um modo diferente do que Arendt compreendeu isso. Ela era muito interessada no escapismo e em outras formas de cegueira voluntária às quais ela viu as pessoas se renderem durante o que veio a chamar-se Holocausto. Um dos problemas da sociedade de massas hoje é que as pessoas perdem tanto a privacidade quanto o gosto pela vida pública. Elas trabalham pelo salário até o ponto da exaustão, e então consomem ou dormem em seu tempo livre. Não há nem introspecção, nem comprometimento ativo/engajamento.

**IHU On-Line** - Levando em consideração a crítica de Arendt à política contemporânea, como podemos entender o comportamento político apático que hoje é uma realidade em nossas sociedades?

Lisa Disch - Uma das mais interessantes lições que acredito que Arendt extraiu da Revolução Americana diz respeito à necessidade de criar instituições que promovam liberdade política caso você queira que as pessoas a exercitem. Um dos comportamentos políticos apáticos de hoje se deve à falta de imaginação de nossas visões institucionais de democracia.

Eleições competitivas e o sistema de dois partidos não acabam com isso!

**IHU On-Line** - De que forma podemos compreender a afirmação de Arendt de que o território do qual emergiu o monstro totalitário é o mesmo de onde surgiu a democracia liberal?

Lisa Disch - Possivelmente essa seja uma das reivindicações de Arendt que faríamos bem em reservar. Ela parece tomar (de Heidegger) a idéia de que tanto liberalismo quanto totalitarismo têm raízes na sociedade de massas. Essa crítica tem um contorno elitista inútil àqueles de nós que lutamos para promover a democracia sob essas condições.

**IHU On-Line** - Qual é a atualidade do pensamento de Arendt para a construção de uma ética-política feminista?

Lisa Disch - As idéias de pluralidade de Arendt - a igualdade de todos em suas diferenças -, e *natalidade*<sup>1</sup> - a capacidade de começar algo novo -, inspiraram várias feministas, inclusive a mim. Além disso, como Nancy Hartsock argumentou alguns anos atrás, Arendt tem uma noção cooperativa e inter-subjetiva de poder como ação conjunta que é frutífero para o pensamento feminista. Embora o que Arendt tenha dito sobre política seja muito inspirador para as feministas, nós só podemos ir tão longe com uma pensadora que torne isso tão difícil quanto Arendt para analisar relações de poder pelas lentes do gênero.

**IHU On-Line** - E quanto à participação política das mulheres, a filosofia arendtiana serve de parâmetro e inspiração?

Lisa Disch - Sim, mas nem mais nem menos que para a participação de qualquer um.

---

<sup>1</sup> No original, "natality". (Nota da tradutora)

## O quarto das ferramentas

POR ENRIQUE LYNCH

*A seguir, publicamos o artigo traduzido de Enrique Lynch, veiculado originalmente no jornal El País, em 29-04-06. Nele, Lynch comenta os dois volumes que reúnem os cadernos de trabalho escritos por Hannah Arendt entre 1950 e 1973. Trata-se de mais de mil páginas de notas de leitura e apontamentos da pensadora alemã, cujo centenário foi completado em 14-10-2006: Arendt H. y M. Heidegger. Correspondencia 1925-1975 y otros documentos de los legados. Barcelona: Herder, 2000, editada por Úrsula Ludtz e Ingeborg Nordmann.*

Alguma vez se questiona como se chega a pensar e escrever filosoficamente. Quando vêm à luz os apontamentos de um filósofo, parece que acessamos o âmbito privado em que se supõe se acenderem suas idéias. Ressurge, assim, a infundada esperança de que essa pergunta encontrará uma resposta satisfatória. Sem embargo, a leitura de apontamentos filosóficos é sempre um tanto decepcionante. Por esmerada que seja sua edição - como neste caso -, cedo ou tarde se tem a impressão de revolver os pertences de um morto: tudo está ali, tal como o (a) ausente o deixou, porém falta o sentido que unifica essas anotações, a pauta que hierarquiza e que, ao final, permitiria compreender as notas numa forma consistente; ou então, essa pauta assoma aqui e ali, esporadicamente, porém somente como um fantasma intangível e efêmero. Derrida<sup>1</sup> expôs esta frustração de forma palmar, demonstrando que

---

<sup>1</sup> Jacques Derrida (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973; *L'Éthique du don*, (1992), *Demeure, Maurice Blanchot* (1998), *Voiles avec Hélène Cixous* (1998), *Donner la mort* (1999). Dedicamos a Derrida a editoria *Memória* da *IHU On-Line* edição 119, de 18-10-2004. (Nota da *IHU On-Line*)

nenhuma hermenêutica, por mais sofisticada ou exhaustiva que seja, logrará revelar o sentido daquela enigmática anotação póstuma de Nietzsche, escrita entre aspas: “Esqueci meu guarda-chuva”.

Como alternativa a esta experiência um tanto frustrante, o leitor que acede ao escritório de algum filósofo renomado se põe a bisbilhotar e inevitavelmente se comporta como um feticlista jamesiano. Como escusa diz que o faz para encontrar as chaves de seu pensamento, embora saiba de antemão que essas chaves estão em outra parte e, com toda a segurança, na obra publicada. O que busca então? Na realidade, quer saber o que lia, como trabalhava e em que se fixava seu autor, de que modo chegava a pensar como pensava. Para quê? Seguramente para vampirizá-lo. Entretanto, o que seria a filosofia sem os bisbilhoteiros?

A publicação destes cadernos tem, pois, algo de bisbilhotice, mas é uma extraordinária iniciativa editorial, e o trabalho das editoras Úrsula Ludtz e Ingeborg Nordmann é um minucioso estudo filológico de uma multidão de fontes e referências do pensamento de Hannah Arendt entre os anos 1950 e 1973, o período de sua vida intelectual que se registra nestes cadernos. Chamou-se esta edição de “diário”, embora o único aspecto que a assemelha a esse gênero é a continuidade das anotações, já que a periodicidade das notas é mensal

e a composição do livro - esplendidamente editado, por certo - não se parece em absoluto com um diário ou com um texto íntimo ou confessional, seja ele, ou não, de conteúdo filosófico. A escritura de Arendt é de um extremo recato, livre de toda tentação intimista, restrita ao mesmo tom de ascética distância em todos os textos e na própria experiência e reflexão; e, como não podia ser de outro modo, tratando-se de uma pensadora tão aristotélica como Arendt - seu pensamento não tem chaves ocultas, de modo que, ao ler estas anotações, mais que folhear num diário que mostra uma filosofia em processo, temos a impressão de entrar no quarto das ferramentas de uma pensadora que, além disso, era muito ordenada.

Arendt lê e comenta os grandes clássicos da filosofia política - segundo observam as editoras - segundo a trilogia *As origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989-2004. Os cadernos contêm o rastro de seu reencontro com a filosofia política da Antigüidade clássica, cujos autores visita e revisita repetidas vezes, enquanto discute com os clássicos modernos, segundo o teor característico de seu programa de refundação da política. Uma parte considerável das notas - a mais farta - está formada por transcrições de leituras, paráfrases e comentários de textos, muitas vezes citados em suas línguas originais, em grego, em latim e em alguns idiomas modernos, sobretudo em inglês, língua de adoção após a emigração para os Estados Unidos. Retorna uma que outra vez aos mesmos temas: a definição da política, seguindo o enigma da convivência, as fontes da liberdade, a causalidade, as diferenças com Marx, a senda da injustiça, etc., e suas leituras centravam-se na obra de Platão<sup>1</sup>, Kant<sup>2</sup>, Nietzsche, Hegel<sup>3</sup> e Heidegger<sup>4</sup>, principalmente.

---

<sup>1</sup> Platão (427-347 a. C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Idéias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* e o *Fédon*. (Nota da *IHU On-Line*)

De vez em quando, despontam definições ao modo socrático, e longas elucubrações no tom dos grandes moralistas romanos sobre questões de ética e metafísica, chamando a atenção para a ausência de alusões cotidianas ou políticas explícitas, como também as poucas referências literárias. De vez em quando, algum poema de Rilke<sup>5</sup>, uma passagem de Goethe<sup>1</sup>, Dinesen,

---

<sup>2</sup> Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. A *IHU On-Line* número 93, de 22 de março de 2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador. Também sobre Kant foi publicado este ano o **Cadernos IHU em formação** número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*. Os **Cadernos IHU em formação** estão disponíveis para download na página [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu) do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si (*noumenon*) não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas *a priori* da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>3</sup> Friedrich Hegel (1770-1831): filósofo alemão. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no séc. XX. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>4</sup> Martin Heidegger de Messkirch (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, e 187, de 3-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, disponíveis para download no sítio do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu). Confira, ainda, o nº 12 do **Cadernos IHU Em Formação** intitulado *Martin Heidegger. A construção da metafísica*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>5</sup> Rainer Maria Rilke (1875-1926): poeta alemão. (Nota da *IHU On-Line*)

alguma referência ao admirado Broch<sup>2</sup> e, de repente, inadvertidamente, Faulkner.

### A verdade, a mentira e o ardil de Heidegger

Como mostra do significativo recato que Arendt mantém ao longo de todo este “diário”, sirva este comentário ao reencontro (ou desencontro?) com Heidegger, em Friburgo, anotado no caderno XI, em novembro de 1952, depois de uma visita ao túmulo de Hermann Broch: “Veja-se como se quiser, não há dúvida que em Friburgo fui a um ardil (e não caí nele). Tampouco há dúvida de que Martin, quer o saiba ou não, está sentado neste ardil e nele se encontra em casa; construiu sua casa em torno do ardil. Só é possível visitá-lo, se ele for visitado no ardil, caso se for ao ardil. Assim, pois, fui visitá-lo no ardil. O resultado é que ele volta a estar sentado sozinho em seu ardil”.

A mesma distância, embora menos hermética, nota-se nas anotações contemporâneas à virulenta campanha desqualificadora da qual Arendt foi objeto após a publicação de seu livro sobre o processo a Adolf Eichmann<sup>3</sup> (*Eichmann em Jerusalém - Uma reportagem sobre a banalidade do mal*. Lisboa: Tenacitas, 2004), publicado como informe em *The New Yorker*, em 1963.

---

<sup>1</sup> Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832): escritor alemão, cientista e filósofo. Como escritor, Goethe foi uma das mais importantes figuras da literatura alemã e do Romantismo europeu, nos finais do século XVIII e inícios do século XIX. Juntamente com Schiller, foi um dos líderes do movimento literário romântico alemão *Sutrm und Drang*. De suas obras, merecem destaque *Fausto* e *Os sofrimentos do jovem Werther*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>2</sup> Hermann Broch (1886-1951): escritor austríaco. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>3</sup> Adolf Otto Eichmann (1906-1962): oficial do alto escalão na Alemanha Nazista e membro da SS (Schutzstaffel). Foi largamente responsável pela logística do extermínio de milhões de pessoas durante o Holocausto, em particular pelos judeus, na chamada Solução Final. Organizou a identificação e o transporte de pessoas para os diferentes campos de concentração, sendo por isso conhecido frequentemente como o executor chefe do Terceiro Reich. (Nota da *IHU On-Line*)

Como se pode recordar, a campanha foi orquestrada por setores afins ao sionismo, molestados porque Arendt, que fora sionista em sua juventude, sustentava em seu informe que a culpabilidade de Eichmann - como também a responsabilidade dos chefes da comunidade judaica durante os anos da deportação em massa - não radicava tanto numa natureza perversa ou num agudo sentimento anti-semita, quanto na manifesta incapacidade de Eichmann de refletir sobre o conteúdo moral de suas próprias ações. No caderno XXIV, Arendt parece aludir elipticamente a essa campanha de difamação, quando faz observações sobre a resvaladiça dialética que se instala entre mentira e verdade cada vez que uma questão entra no terreno do público. Ela afirma: a verdade força. Assim, pois, não há verdade que não seja ideologicamente instrumentalizável: “No ‘como as coisas foram realmente’ se esconde um ‘não podia ser de outra maneira’” (página 599). No entanto, essa verdade que se funda em fatos construídos por testemunhas é, portanto, fraca, porque “as testemunhas parecem ser muito menos confiáveis que a razão em sua condição falível” (página 613). Por acréscimo - segundo paradoxo -, “na mentira está também a liberdade”, o que indica que “não temos que situar-nos incondicionalmente no solo dos fatos”, dado que o mundo inteiro pode ser uma mentira. E um desassossegador terceiro paradoxo: “O que exige força e valentia não é o fato tremendo da verdade, senão o desamparo, o um contra todos”, porque “é muito difícil aferrar-se a uma mentira” (página 619). Sem dúvida, este e muitos outros paradoxos que incidem em nossa idéia do político - nossa humana maneira de estarmos uns com os outros - são abordadas em sua obra póstuma *A vida do espírito*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002; no entanto, este “diário” servirá para lançar nova luz sobre a maneira como foram gestados e sua - por vezes - dramática solução teórica.

## Livro da semana

LANG, UWE MICHAEL: *RIVOLTI AL SIGNORE. L'ORIENTAMENTO NELLA PREGHIERA LITURGICA*. PREFÁCIO JOSEPH RATZINGER. TRADUÇÃO (DO INGLÊS) LAURA TASSO. SIENA: EDIZIONI CATANGALLI, 2006. 149 P.

### O espaço litúrgico em questão: uma proposta relevante ou uma discussão a mais?

*Reproduzimos a seguir a resenha do livro de Uwe Lang, Rivolti al Signore, de autoria de Francisco Taborda, publicada na revista Perspectiva Teológica número 105, pp. 285-289. Francisco Taborda é bacharel em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Cristo Rei, de São Leopoldo (atualmente Unisinos); licenciado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; licenciado em Teologia pela Philosophisch- Theologische Hochschule St. Georgen, Frankfurt-am-Main, Alemanha e doutor em Teologia pela Westfälische Wilhelms-Universität, Münster, Alemanha. Atualmente é professor de Teologia da Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, de Belo Horizonte (ISI/CES). Francisco Taborda é autor de, entre outros livros, Sacramento, Práxis e Festa (Vozes, 1990). Os subtítulos são nossos.*

Publicada em 2004, nos Estados Unidos, com prefácio do então Cardeal Ratzinger, a presente obra foi lançada em tradução italiana, no mês de abril passado, causando *frisson* nos círculos eclesiais da Itália. A reação é compreensível, quando se considera a tese fundamental do livro e a autoridade (agora papal) do prefaciador. Lang defende que a oração litúrgica e, em especial, sua expressão máxima, a oração eucarística, devem ser pronunciadas estando todos os participantes (sacerdote, inclusive) “voltados ao Senhor” (*rivolti al Signore*) e não, como se tornou regra depois do Concílio, estando o sacerdote voltado para a assembléia. Não bastasse o prefácio (7-10), escrito pelo Cardeal Ratzinger aproximadamente dois anos antes de ser eleito papa (está datado do domingo Laetare de 2003), o lançamento da tradução italiana foi feito pelo arcebispo Malcolm

Ranjith, do Sri Lanka, recém-nomeado por Bento XVI para Secretário da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. Acresce ainda que, no começo de junho, o prestigioso Mosteiro de Bose, uma comunidade monástica ecumênica sob a orientação do conhecido prior Enzo Bianchi, realizou um simpósio internacional sob o título “O espaço litúrgico e sua orientação”, em que Lang esteve presente.

O tema não é inocente e, em última análise, pode estar pondo em questão a reforma litúrgica do Vaticano II, tal como Paulo VI a executou. De fato, Nicola Bux, professor do Istituto San Nicola di Bari (Itália), no posfácio da tradução italiana (93-97), afirma com todas as letras que uma discussão dessa temática entre estudiosos e fiéis, poderia “contribuir a uma séria e equilibrada reforma da reforma litúrgica” (97, grifo do

posfaciador), o que se poderia interpretar como uma crítica à reforma anterior como não séria nem equilibrada. Entretanto, não é este o caminho adequado para apresentar este livro, pois, como escrevia o então Cardeal Ratzinger no prefácio, “não se chega a nenhum resultado, etiquetando as posições como ‘pré-conciliares’, ‘reacionárias’, ‘conservadoras’ ou como ‘progressistas’ e ‘estranhas à fé’; vale uma nova abertura recíproca na busca do melhor cumprimento do memorial de Cristo” (8).

Os defensores da comum orientação de todos os participantes da oração litúrgica não se consideram contrários ao Concílio, pois ponderam que o Vaticano II não determinou nada a respeito da localização do altar. De fato, foi a instrução *Inter oecumenici* (26 de setembro de 1964), do *Consilium ad exsequendam Constitutionem Liturgicam*, órgão criado por Paulo VI para implementar a reforma determinada pelo Concílio, que propôs por primeiro a questão inserida posteriormente na introdução geral do novo Missal Romano. De qualquer forma, em nenhum caso houve obrigatoriedade na posição do sacerdote em relação à assembléia.

#### **“Voltados para Deus”: “ao falar com o interlocutor nos voltamos a Ele”**

O livro está dividido em quatro capítulos. O primeiro (17-25) apresenta o *status quaestionis*, mostrando que, na reforma litúrgica pós-Vaticano II, jamais foi ordenado como obrigação que o sacerdote que preside a eucaristia esteja de frente para o povo (*versus populum*). Apenas se abriu tal possibilidade. Inclusive J. A. Jungmann, um dos corifeus<sup>1</sup> da reforma litúrgica, insiste neste ponto, advertindo contra o perigo de tornar essa prática uma

moda a que se sucumbe sem pensar (cf. artigo *Der neue Altar*, em: *Der Seelsorger* 37 [1967] 374-381). O Cardeal Lercaro, que dirigiu o já citado *Consilium*, em carta de 25 de janeiro de 1966 aos Presidentes das Conferências Episcopais, recomenda prudência na mudança do altar. As próprias rubricas do Missal Romano de Paulo VI supõem que o padre esteja de costas para o povo e se volte a ele quando o saúda ou a ele se dirige. Aliás, há um erro em afirmar que o padre celebra “de costas para o povo”: não é a assembléia a referência, mas Deus. Na posição propugnada pelo livro, sacerdote e assembléia estão voltados na mesma direção, “voltados ao Senhor”, como diz o título do livro. Como numa conversa, ao falar com o interlocutor nos voltamos a ele, assim também nas orações litúrgicas, que constituem o cerne de toda celebração, quem preside deveria estar, com todos os presentes, “voltado ao Senhor”, em todo o caso em espírito. Entretanto, conforme a índole própria da liturgia, a atitude interior deveria expressar-se no gesto exterior.

#### **Fundamentação histórica**

O segundo capítulo (27-64) procura demonstrar a tese do livro com base na história. A orientação tradicional da oração cristã é voltar-se para o oriente, prática conhecida e generalizada no culto do sol em todo o âmbito geográfico que vai da Bacia Mediterrânea até a Índia. O cristianismo dá ao gesto um novo sentido: o verdadeiro Sol é Cristo (*oriens ex alto*, cf. Lc 1,78). O nascer do sol evoca assim a vinda de Cristo. O cristão que espera em oração a segunda vinda do Senhor, volta-se para o oriente nessa expectativa. Na orientação topográfica da oração, o cristianismo segue também o judaísmo da diáspora que orava voltado para Jerusalém e orientava suas sinagogas de forma que o nicho onde se guardavam os rolos da Torá, estivesse na direção da Cidade Santa. O autor cita inúmeros Padres e outros documentos para provar sua tese de que o cristão ora

<sup>1</sup> **Corifeu:** é um membro destacado do coro que pode cantar sozinho.

Em geral tem três tipos de funções principais:

- a) exortar o coro à ação, a começar o canto;
- b) antecipar, ou resumir, as palavras do coro;
- c) representar o coro, dialogando com os atores.

voltado para a direção do sol nascente. Até mesmo Tomás de Aquino ainda reconhece que essa orientação é apropriada (*secundum quandam decentiam*, STh II-II q. 84 a. 3, ad3).

A seguir, o autor discorre sobre a posição do “celebrante” no altar, posicionando-se na polêmica (1965-1971) entre O. Nuâbaum e M. Metzger, o primeiro (cf. *Die Zelebration versus populum und der Opfercharakter der Messe*, em: ZKTh 93 [1971] 148-167) favorável a que a forma original de celebração era com o presidente voltado ao povo e só à medida que cresce a consciência do caráter sacrificial da eucaristia, se adota a posição de costas para o povo. Metzger (cf. *La place des liturges à l'autel*, em: RevSR 45 [1971] 113-145) refuta a argumentação de Nuâbaum, usando os dados arqueológicos das construções paleocristãs.

Tampouco vale a afirmação de que a última ceia foi celebrada *versus populum*, pois não foi bem assim. O costume convival na antiguidade não dispunha que o lugar principal fosse no centro (como na Ceia de Leonardo da Vinci) ou na cabeceira (como o uso atual), mas como primeiro num semicírculo de convivas (cf. mosaico na Igreja de Sant’Apollinare Nuovo, em Ravenna). No caso de a Igreja não ter a ábside ao oriente, uma representação do Cristo Pantocrátor (como na Catedral de Monreale, Sicília) ou da cruz gloriosa (como na Basílica de São Clemente em Roma) constituem o “Oriente simbólico”. Por fim, com ajuda de plantas de edifícios paleocristãos, o autor corrobora sua tese, observando a relação entre arquitetura e liturgia.

### Pressupostos teológicos e espirituais

O capítulo terceiro (65-85) procura fundamentar a tese, indicando os pressupostos teológicos e espirituais da orientação de quem preside a celebração. Primeiramente o autor discute a questão do “arqueologismo”, acusação que tanto poderia ser feita à sua tese, como à tese contrária, quando argumenta que

na última ceia Cristo estava voltado aos apóstolos. Aduz a atitude de Lutero que, baseando-se neste argumento, propugnou a celebração *versus populum*, no que, entretanto, não foi seguido, de forma que até hoje o altar nas Igrejas protestantes está no fundo da ábside, “voltado ao Senhor”. Acentua que a questão não é estar quem preside voltado de frente ou de costas para a assembléia, nem a orientação para o leste, mas “a orientação comum do sacerdote e da assembléia na oração litúrgica” (73).

Abordando a dimensão teológica da prática propugnada, o autor explicita o simbolismo cósmico do culto sacramental para expressar a verdadeira natureza da eucaristia “como ato comum de adoração trinitária” (73). O gesto expressa que o verdadeiro contexto da eucaristia é o cosmos todo. O simbolismo cósmico do sol que nasce, tem uma dupla valência: “Em primeiro lugar, como sinal do Cristo ressuscitado e, portanto, também do poder do Pai e da obra do Espírito Santo; em segundo lugar, como sinal de esperança na parusia” (ib.), que é o evento “que realiza a síntese cristã de cosmo e história” (ib.). Em suma, “O simbolismo cósmico do culto sacramental consente ao mundo permanecer transparente à realidade transcendental [sic!]” (ib.). Em oposição a isso, “a posição constantemente face a face do sacerdote e do povo [...] sugere um círculo fechado” (75), com o perigo de que a comunidade se encapsule. Além disso, trai “um conceito errôneo de Deus” (ib.): o eclipse da transcendência, com a conseqüente dessacralização e secularização da liturgia. O olvido da transcendência corresponde ao Zeitgeist (“espírito do tempo [atual]”, em alemão na tradução italiana) e caberia à liturgia opor-se-lhe visivelmente. Mais ainda, como observava Hans Urs von Balthasar, longe de manifestar um caráter mormente comunitário, o sacerdote sempre voltado para a assembléia traz consigo uma nova forma de clericalismo (cf. *Die Würde der Liturgie*, em: lkaZ 7 [1978] 481-487), em que os que

presidem, são protagonistas e não mais, como diria mais tarde Max Thurian, “servos humildes e discretos” do mistério (citado na p. 85, cf. *La liturgie, contemplation du mystère*, em: Not. 32 [1996] 690-697).

Outro aspecto teológico da questão é o enfraquecimento da concepção da eucaristia como sacrifício em favor de uma visão convivial. Ser sacrifício e ser banquete não se opõem. A eucaristia é ambas as coisas e os dois aspectos não podem ser isolados. Mas “nem a melhor catequese mistagógica pode compensar o declínio na compreensão da missa entre os católicos, se a celebração litúrgica comunica sinais contrários” (83).

Por fim, o autor transcreve amplamente trechos do já mencionado artigo de Max Thurian, em que o monge de Taizé, posteriormente convertido ao catolicismo, vê a carência fundamental da vida litúrgica contemporânea no fato de a liturgia se ver privada de seu caráter de mistério. E critica: “A celebração inteira muitas vezes é conduzida como se fosse uma conversa e um diálogo no qual não há espaço para a adoração, a contemplação e o silêncio. O fato de que celebrante e fiéis estejam constantemente uns diante dos outros encerra a liturgia em si mesma [...] e impede a orientação contemplativa de toda a comunidade na adoração direcionada ao lugar simbólico da presença do Senhor e na expectativa escatológica de seu retorno” (84 e 85, citando Thurian, *ib.*, 692 e 694).

O capítulo quarto (87-92) retoma a tese e propõe que a proclamação da Palavra, os ritos introdutórios e conclusivos, a comunhão e todas as partes que são diálogo entre o sacerdote e os fiéis sejam feitas numa posição face a face. Para a liturgia eucarística em sentido estrito e, em especial, para a anáfora “seria bem mais apropriado que toda a assembléia, inclusive o celebrante, se voltassem ao Senhor e isso se exprime, voltando-se para o altar, quer este seja orientado [para o leste], quer indique simplesmente o Oriente ‘litúrgico’” (89). A razão teológica do posicionamento diferente de

quem preside, está em que, embora a proclamação da Palavra também tenha um elemento latrêutico, não obstante prevalece o aspecto catabático (= descendente), enquanto na liturgia eucarística prevalece o anabático (= ascendente) (exceto na distribuição da comunhão) (16, defendendo-se das objeções de R. Kaschewsky, *Eine wichtige Veröffentlichung zur Zelebration versus populum*, em: UVK 30 [2000] 310-311).

Com essa referência já se sugere o caráter *sui generis* da introdução (13-16), em que, em vez de expor a problemática - o que fará no cap. I -, o autor toma posição a respeito das críticas feitas a sua tese. Esse caráter peculiar da introdução provém de que o exposto no livro, já se fizera conhecido por meio de um artigo publicado na revista *Forum Katholische Theologie* 16 (2000) 81-123. O livro nada mais é que uma versão corrigida e ampliada desse artigo.

Com relação à apresentação gráfica, deve-se lamentar a adoção do costume anglo-saxão de pôr no final do livro as notas que deveriam estar no rodapé, o que obriga o leitor a ficar folhando constantemente da frente para trás, de trás para frente. A capa, de muito bom gosto, é um detalhe do mosaico de Rupnik<sup>1</sup> na Capela Redemptoris Mater, do Vaticano.

### Resgatando o mistério

Deixando para especialistas a discussão histórica e arqueológica, o recenseador gostaria de ressaltar o que há de positivo no livro: sua preocupação com a banalização da liturgia. É preciso dar razão ao autor, quando apóia a crítica de Max Thurian no tocante à perda do mistério na prática litúrgica atual. De fato, quando os padres vão buscar como modelo de

---

<sup>1</sup> Marko Ivan Rupnik: diretor do Centro de Estudos Aletti, em Roma, para o diálogo entre Oriente e Ocidente e autor dos mosaicos de inspiração bizantina que decoram a capela Redemptoris Mater, no Vaticano. (Nota IHU On-Line)

presidência da eucaristia os *pop-stars* em voga ou os animadores de auditório nos programas televisivos de domingo à tarde, podem atrair multidões, mas não exercem sua função fundamental de “servos humildes e discretos” do mistério celebrado. Quando se torna usual “ir à missa do Padre Fulano”, em vez de buscar, em primeiro lugar, a participação sacramental no mistério pascal, o “celebrante” torna-se mais importante que o “celebrado”. Quando a televisão mostra em close o mais central do mistério da fé, expondo-o aos olhos desinteressados ou até mesmo debochados de telespectadores sem fé, esqueceu-se o mínimo de uma sã “disciplina do arcano”. Quando as liturgias perdem toda solenidade e desenvolvem-se na mais banal platitudo, esqueceu-se o que até Joãozinho Trinta sabia: “intelectual é que gosta de pobreza; pobre gosta de luxo”. Quando se multiplicam as palavras e “explicações”, em vez de celebrar de forma que os

gestos falem por si do mistério da entrega de Cristo por nós, algo está errado nas nossas celebrações. Quando padres e pessoas de boa vontade, com a melhor das intenções, crêem ter que inventar cada domingo uma coisa diferente para chamar a atenção e provocar elogios à criatividade da “equipe litúrgica”, perdeu-se a percepção do essencial na eucaristia. Assim sendo, a preocupação do autor pela perda da dimensão de transcendência, sacrificial e escatológica da eucaristia é algo sumamente válido. A questão é saber se a volta à orientação comum de sacerdote e assembléia para o “Oriente litúrgico” será suficiente e mesmo necessário para resolver a questão. Como o autor mesmo reconhece, o essencial é a orientação interna, que a externa quer expressar e incentivar. Em qualquer hipótese, faz falta uma catequese mistagógica que retorne sempre de novo ao essencial.

## Artigo da semana

### Para que a arte continue viva

*Reproduzimos um artigo de autoria de Gilmar Hermes, professor da Comunicação da Unisinos, que traz uma análise da Bienal em São Paulo, visitada por ele. Agradecemos ao professor Gilmar o envio do texto*

Desde o surgimento do Dadaísmo<sup>1</sup>, em 1916, questiona-

---

<sup>1</sup> **Dadaísmo:** Formado em 1916 em Zurique por jovens franceses e alemães, o Dada foi um movimento de negação. Fundaram um movimento literário para expressar suas decepções em relação a incapacidade da ciências, religião, filosofia que se revelaram pouco eficazes em evitar a destruição da Europa. Dada é uma palavra francesa que significa na linguagem infantil "cavalo de pau". Esse nome escolhido não fazia sentido, assim como a arte que perdera todo o sentido diante da irracionalidade da guerra. Sua proposta é que a arte ficasse solta das amarras racionalistas e fosse apenas o resultado do

se radicalmente o que é a arte, mencionando-se em alguns momentos a expressão “morte da arte”. Evidentemente, sendo uma palavra proferida por artistas e críticos de arte, não se trata de um desejo de que a

---

automatismo psíquico, selecionado e combinando elementos por acaso. Sendo a negação total da cultura, o Dadaísmo defende o absurdo, a incoerência, a desordem, o caos. (Nota do *IHU On-Line*, com informações retiradas do sítio [www.historiadaarte.com.br](http://www.historiadaarte.com.br)).

arte morra, mas de que ela continue viva, de alguma maneira.

Na sua 27ª edição, a Bienal Internacional de São Paulo assume a crise das megaexposições e busca novos caminhos, dando, assim, novo vigor e revitalizando as artes visuais no momento em que vivemos. Inspirada na série de seminários *Como Viver Junto - Situações Romanescas de Alguns Espaços Cotidianos*, do semiólogo Roland Barthes<sup>1</sup>, a curadora Lisette Lagnado<sup>2</sup> enfatizou uma tendência das artes desde os anos 1950, que são as propostas de um reencontro com a vida, com o cotidiano, depois de várias décadas modernistas, em que os artistas aprofundaram as questões intrínsecas aos seus trabalhos. A arte está em crise porque a humanidade também vive um novo momento. Isso exige diferentes pensares, que buscam novas formas estéticas.

Na entrada da mostra, que continua até o dia 17 de dezembro, vemos uma grande instalação com uma escultura de um ser engaiolado, onde a grama que pisa é uma reprodução técnica perfeita, se não for a própria grama. Sua gaiola é cercada por outra e o espaço entre as duas está preenchido com muitos facões, luvas de borracha e foices. Aquele animal fantástico parece ter algo de humano por estar sobre duas patas. A artista sul-africana Jane Alexander costuma esculpir figuras deformadas que possuem olhos, mas não têm a possibilidade de falar.

Mais adiante, a instalação de Thomas Hirschborn é antecedida por um aviso para as pessoas mais sensíveis: "Esta obra contém fotos de mutilação humana". Dentro de uma imensa estrutura coberta com papelão, há um grande número de instrumentos de operários como

---

<sup>1</sup> Roland Barthes (1915–1980): escritor, sociólogo, crítico literário, semiólogo e filósofo francês. (Nota IHU On-Line)

<sup>2</sup> Lisette Lagnado: curadora responsável pela organização da 27ª edição da Bienal de São Paulo. Lisette é Mestre em Comunicação e Semiótica (PUC/SP) e Doutora em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), com tese sobre Hélio Oiticica e seu "Programa ambiental". (Nota IHU On-Line)

alicates, chaves de fenda e martelos. São combinados com livros de vários autores, entre os quais Deleuze<sup>3</sup>, Derrida e Gramsci<sup>4</sup>. Ao lado, também estão as fotos de seres humanos com os corpos mutilados, fotografados após um acidente de trabalho ou outro tipo de agressão. Junto a um homem com o abdômen aberto e as vísceras de fora está "A Lógica do Sentido".

Os livros estão fechados, impossíveis de serem lidos ou levados. O artista se considera um fã desses autores, como poderia ser de um astro de rock ou do cinema. Ser fã, no entanto, não quer dizer prestar respeito. O espaço é articulado por faixas pretas com letras vermelhas: "Homens em Tempos Sombrios", "O Grande Medo", "Culpabilidade Organizada e Responsabilidade Universal" e "Os Insensatos". O texto "O Belo na Arte", de Hegel, está cercado por chaves de venda e a imagem de um corpo cheio de cortes.

Depois desses impactos, a mostra vai apresentar muitas outras visões, outras menos sombrias da convivência humana. Muitas idéias têm um teor altamente

---

<sup>3</sup> Gilles Deleuze (1925-1995), filósofo francês, vinculado aos denominados movimentos pós-estruturalistas, categorizações que o próprio Deleuze questionava pelo que trazem, ainda, da visão e luta pelo idêntico. Suas teorias acerca da diferença e da singularidade nos desafiam a pensar em temas como rizoma, ontologia da experiência, a teoria do que fazemos, a virtualidade e a atualidade. Deleuze, assim como Foucault, foi um dos estudiosos de Kant, mas tem em Bergson, Nietzsche e Espinosa, poderosas interseções. Professor da Universidade de Paris VIII, Vincennes, Deleuze atualizou idéias como as de devir, acontecimentos, singularidades, enfim conceitos que nos impelem a transformar a nós mesmos, incitando-nos a produzir espaços de criação e de produção de acontecimentos-outros. (Nota do IHU On-Line)

<sup>4</sup> Antonio Gramsci (1891-1937): escritor e político italiano. Com Togliatti, criou o jornal *L'Ordine Nuovo*, em 1919. Secretário do Partido Comunista Italiano (1924), foi preso em 1926 e só foi libertado em 1937, dias antes de falecer. Nos seus *Cadernos do cárcere*, substituiu o conceito da ditadura do proletariado pela "hegemonia" do proletariado, dando ênfase à direção intelectual e moral em detrimento do domínio do Estado. (Nota da IHU On-Line)

jornalístico, chegando a ganhar um caráter de documentário, outras vão dialogar com a publicidade, que, enfim, configura a imagem atual das relações de trabalho (produção) com a vida privada (consumo).

Há também um diálogo com a arquitetura, na utilização do próprio espaço de exposição. O argentino Tomas Saraceno fez uma estrutura em forma de bolha plástica, que atinge os três andares do edifício. Os visitantes são convidados a entrar na estrutura. Com a supervisão de bombeiros, a obra funciona como um brinquedo de um parque de diversões. Embora o ambiente ofereça uma certa descontração, a participação exige estar disposto para escalar e correr um possível risco. O brinde é habitar o espaço e ficar suspenso como uma nuvem. Enfim, arquitetura também é divertimento.

Muitas idéias que perpassam a concepção dessa exposição estão relacionadas às obras dos artistas neoconcretistas brasileiros Lygia Clark<sup>1</sup> e Hélio Oiticica<sup>2</sup>, que ganharam renome internacional. Ambos propõem

---

<sup>1</sup> Lygia Clark: brasileira, pintora, escultora, auto-intitulou-se não-artista. (Nota IHU On-Line)

<sup>2</sup> Hélio Oiticica (1937-1980): Artista plástico brasileiro. (Nota IHU On-Line)

uma outra relação entre os espectadores e as obras. Oiticica aparece na mostra através das fotos de Ivan Cardoso<sup>3</sup> e o vídeo de Marcos Donisson, que resgata as proposições do artista nos anos 90, quando ele viveu nos Estados Unidos. Pelos depoimentos gravados, Oiticica aparece como um dos primeiros a propor formas interacionistas de arte. Hoje, a internet desafia os artistas a criarem um uso artístico da rede, naquilo que ela pode oferecer de esteticamente novo e que já não tenho sido feito com outros meios. Por isso, inclusive, as idéias de Oiticica ganham importância novamente e inspiram exposições como essa.

Numa primeira visita, a Bienal cansa, porque é um espaço que se projeta para fora e mexe com o nosso pensamento/percepção, produzindo sensações e sentimentos muitas vezes pouco agradáveis. Mas, numa segunda presença, o sabor aumenta, embora pede sempre um envolvimento, uma disponibilidade que a arte exige para que continue existindo. Também há que se considerar que ali estão 118 artistas compromissados com a “vida da arte”.

---

<sup>3</sup> Ivan do Espírito Cardoso Filho: Fotógrafo, diretor, produtor, artista plástico e jornalista brasileiro. (Nota IHU On-Line)

- Foto da obra da artista Jane Alexander.  
Créditos: Juan Guerra.



## Memória

### Sergio Farina

*Na edição desta semana, IHU On-Line dedica a editoria Memória ao professor Sérgio Farina, falecido no último dia 16 de novembro. Farina lecionou na Unisinos por mais de 30 anos, foi diretor do Centro de Ciências da Comunicação e deixou aqui muitos amigos, lembranças e um legado de paixão pelo conhecimento.*

*Leia, a seguir, uma síntese que fizemos das matérias veiculadas pelo jornal Vale dos Sinos nos dias 17 e 18 de novembro de 2006. Após, confira depoimentos coletados pela IHU On-Line de pessoas que conviveram com Sérgio Farina, entre elas a esposa Olga e os três filhos.*

*Cuide de seus paraísos.* Esse era o nome do livro que o professor Sérgio Farina, 77 anos, lançou em 1998. E foi exatamente isso que ele fez ao longo de toda a sua vida até a tarde de quinta-feira, 16-11-2006. Farina morreu de parada cardiorrespiratória devido a uma insuficiência cardíaca, numa clínica particular. A morte do professor silenciou o verbo dos mais chegados. Farina era sempre saudado com entusiasmo por escritores e profissionais da comunicação e principalmente por seus ex-alunos, que o celebravam. Foram mais de 30 anos dedicados ao conhecimento na Unisinos, numa jornada que começou em 1948, quando deu aula em alguns colégios Maristas.

Na Unisinos, ministrou disciplinas e cursos de redação para jornalistas e de literatura brasileira e de literatura grega, para falar dos mitos, dos mundos possíveis. Farina era um professor que ajudava a aprender a relação das palavras e a história.

Ele partiu de repente, deixando ainda muitas coisas por fazer. Estava em plena atividade. Mesmo aposentado do magistério, ao qual dedicou 55 anos de sua vida, Farina continuava produzindo textos, praticava ioga (uma nova paixão) e compartilhava saberes. Também tinha

disposição para o trabalho voluntário, como o projeto de ensinar jovens e crianças da periferia a lidar com a terra.

A esposa, Olga, vai cumprir no lugar dele o compromisso marcado para o mês de dezembro: a apresentação do livro *Um conto de Natal*, no Café de Bordo. A obra, publicada pela Editora Sinodal, conta com textos e receitas sobre o Natal.

Farina deixa também três filhos (Sérgio Eugênio, 38, Cândida Luiza, 36, e Tiago, 27 anos) e três netos (João, um ano; Pilar, três e Tomaz, seis).

#### Mais de 30 anos na Unisinos

Sérgio Farina foi professor na Unisinos por mais de 30 anos. Doutor e mestre em teoria da literatura, coordenou o Centro de Ciências da Comunicação da universidade, de 1978 a 1989. Também deixou sua marca no Curso de Letras. Primeiro editor e fundador da revista do curso de Letras *Entre linhas*, dirigia um programa especial de treinamento para alunos selecionados, que entraram diretamente no mestrado. Entre os livros que lançou, está *Os sermões de Vieira*, textos adaptados e

selecionados pelo professor que tornaram a obra mais acessível aos graduandos.

Familiares e amigos do professor concederam depoimento a *IHU On-Line*.

“Para mim, o Sergio foi um modelo de pai. Um pai atento, muito cuidadoso, amoroso para com seus três filhos. E isso aumentou depois com a chegada da nossa nora Themis, e mais ainda com a chegada dos nossos três netos. Era a figura do pai de braços abertos acolhendo sempre”. **Olga Farina**, casada há 40 anos com o professor Sergio Farina.

“Farina era um cara que estava sempre disposto a começar as coisas, a aprender. Ele gostava muito de escutar.” **Sergio Eugenio**, 38 anos, filho mais velho de Sergio Farina.

“Meu pai foi uma pessoa muito amorosa, solidária. O legado que ele nos deixa é o de desprendimento das coisas que sucumbem nossa vida, a dedicação ao trabalho e o posicionamento ético.” **Cândida Luiza**, 36 anos, filha de Sergio Farina.

“Os ensinamentos do meu pai foram muitos, mas eu destaco a formação como homem, de caráter, bondade, perseverança e amizade.” **Tiago**, 27 anos, filho caçula de Sergio Farina.

“Ele sempre me impressionou muito. Era um homem íntegro e de muita sabedoria. Uma pessoa tranqüila, uma pessoa amiga das pessoas, amiga da vida, amiga da natureza.” Pe. **José Ivo Follmann**, SJ, diretor de Ação Social e Filantropia da Unisinos.

“O professor Sérgio Farina pertenceu a uma rara categoria de seres humanos que personificam a gentileza, vivendo-a não superficial ou ocasionalmente, mas fazendo dela o ponto de partida e de chegada de suas ações”. **Artur Jacobus**, professor no curso de Letras da Unisinos.

Confira esses e outros depoimentos na íntegra no sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)), publicados no sítio do IHU nas *Notícias Diárias* do dia 26-11-2006.

## Terra habitável

*A editoria Terra habitável reproduz informações das Notícias Diárias do sítio do IHU sobre meio ambiente. As notícias podem ser conferidas na íntegra nas datas correspondentes.*

## Mais eucaliptos no Rio Grande do Sul

O Grupo sueco/finlandês, Stora-Enso confirmou, que ainda não definiu o local onde implantará sua mega-fábrica de celulose no Rio Grande do Sul. A notícia é de

Políbio Braga on-line, 20-11-2006 e reproduzida pelas *Notícias Diárias* do sítio do IHU em 21-11-2006.

## Mato Grosso perdeu 43% da mata nas bacias

Uma análise de imagens de satélite feita por pesquisadores do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon) e do Instituto Centro de Vida (ICV) mostra que as bacias hidrográficas de Mato Grosso já

perderam de 32% a 43% de sua cobertura vegetal original. A notícia é do jornal *Estado de S. Paulo*, de 21-11-2006, e reproduzida pelas *Notícias Diárias* do sítio do IHU em 21-11-2006.

## Índios e ecologistas, segundo Lula, entravam o crescimento econômico

Em discurso na inauguração da primeira usina de biodiesel associado ao álcool no Brasil, o presidente Lula afirmou que não sabe quais são as soluções para o crescimento, mas prometeu se dedicar 'até o 31 de dezembro' à missão de encontrar formas de 'destravar o País'. E listou, entre os entraves, ambientalistas, licenças ambientais, índios, quilombolas e o Ministério Público. A

reportagem é de Lisandra Paraguassú, publicada no jornal *Estado de S. Paulo* em 22-11-2006 e reproduzida pelas *Notícias Diárias* do sítio do IHU em 22-11-2006.

Confira também a repercussão do discurso nas *Notícias Diárias* do dia 25-11-2006 e a enquête a respeito do assunto no sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)).

## Mais 4 usinas nucleares

O governo deverá investir na construção de mais quatro usinas nucleares até 2030, além de Angra 3, para atender ao aumento do consumo de energia brasileiro, segundo recomendações traçadas pela Empresa de Pesquisa Energética (EPE), vinculada ao Ministério de Minas e Energia. O consumo crescerá cerca de três vezes até o final do período estudado, levando em consideração duas

premissas básicas: expansão econômica de 4,1% ao ano, em média, e o acréscimo de 53 milhões de habitantes na população, número que equivale a um "novo" Nordeste. A notícia é dos jornais *Valor* e *Estado de S. Paulo* e reproduzida pelas *Notícias Diárias* do sítio do IHU em 23-11-2006.

## “Para salvar o planeta, é preciso salvar a África”

A colina de lixo de Korogocho se sente de longe, muito antes de vê-la. É um muro com 30 metros de altura e 2,5 quilômetros de comprimento. Em torno do muro, vivem 120 mil pessoas, amontoadas num quilômetro quadrado. O descarregamento presenteia simultaneamente trabalho (3 mil a revirar nos refugos, o resto a vender os

reciclados) e morte (um habitante do cortiço sobre 10 destruiu seu sistema respiratório). A notícia é do Também segundo a matéria do jornal *La Repubblica* em 17-11-2006. Confira a notícia reproduzida pelas *Notícias Diárias* do sítio do IHU em 23-11-2006.

## Nairobi, cúpula da ONU sobre o clima

Chama-se Kioto plus e é um acordo superpotenciado: o corte às emissões de gás serra passam dos 5 por cento aos sessenta por cento, o crescimento da temperatura é bloqueado sob a barreira dos dois graus, a catástrofe climática evitada por um sopro. Não é o texto que votarão os 6 mil delegados acorridos a Nairóbi para a conferência sobre o clima organizada pela ONU. Mas pela primeira vez, esta terapia, em condições de curar a

febre da Terra, foi prescrita por três membros do G8 (Grã Bretanha, França e Itália) e prepara-se para ser apoiada pela União Européia. Assim, inicia uma matéria especial sobre a Conferência sobre o Clima, em Nairóbi, publicada no jornal *La Repubblica*, em 17-11-2006. Confira a notícia reproduzida pelas *Notícias Diárias* do sítio do IHU em 23-11-2006.

## Destaques On-Line

DESTAQUES DAS NOTÍCIAS DIÁRIAS DO SÍTIO DO IHU

ESSA EDITORIA VEICULA NOTÍCIAS E ENTREVISTAS QUE FORAM DESTAQUES NAS NOTÍCIAS DIÁRIAS DO SÍTIO DO IHU. APRESENTAMOS UM RESUMO DOS DESTAQUES QUE PODEM SER CONFERIDOS, NA ÍNTEGRA, NA DATA CORRESPONDENTE.

### Entrevista com Maria Helena Weber

**Título: Mídia e Política. Uma relação simbiótica**

Dando a continuidade ao debate “mídia e política” a *IHU On-Line* entrevistou por e-mail a professora da Ufrgs, Maria Helena Weber. Mídia e política foi tema de capa da revista *IHU On-Line* edição 202. Confira a entrevista na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 21-11-2006.

### Entrevista com Antônio de Queiroz

**Título: Nova câmara dos deputados federais é mais conservadora**

Antônio de Queiroz, cientista político do Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (Diap), concedeu uma entrevista para a *IHU On-Line*, onde analisou a nova bancada dos Deputados Federais e salientou a importância dos movimentos sociais acompanharem o desenvolvimento dos parlamentares. Confira a entrevista na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 22-11-2006.

### Entrevista com Carlos Alberto Ramos

**Título: Educação não garante emprego**

O argentino Carlos Alberto Ramos, doutor em Economia, concedeu entrevista à *IHU On-Line*, por telefone. Ele falou principalmente sobre sua última pesquisa, que trouxe o dado de que educação não garante emprego. Confira a entrevista na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 23-11-2006.

### Entrevista com Clóvis Cabral

**Título: “O povo negro deu uma nova perspectiva às religiões cristãs”**

Contribuir com o movimento negro a partir do Evangelho sem que ele perca as características das religiões de matrizes afro-brasileiras. Clóvis concedeu entrevista à *IHU On-Line*, confira no dia 24-11-2006.

*Entrevistas que reproduzimos nas Notícias Diárias no sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)).*

### Entrevista com Álvaro García Linera

**Título: “Na Bolívia está em curso uma revolução**

**democrática descolonizadora”**

"Na Bolívia há uma revolução democrática descolonizadora. Uma anulação progressiva dos mecanismos de exclusão econômica e cultural, que marginalizaram setores indígenas, culturalmente oprimidos e economicamente explorados", afirma Álvaro García Linera, vice-presidente da Bolívia em entrevista publicada pela Agência Carta Maior em 22-11-2006. Confira a entrevista reproduzida nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 23-11-2006.

**Entrevista com Ricardo Antunes**

**Título: A nova morfologia do trabalho e os (des)caminhos do sindicalismo**

Reproduzimos uma entrevista com o sociólogo Ricardo Antunes, professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp, sobre o livro *Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil* (Boitempo Editorial, 2006). Confira a entrevista na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 22-11-2006.

**Artigo de Boaventura de Sousa Santos**

**Título: Lula e a esquerda**

"O segundo mandato de Lula terá de ser diferente do primeiro", escreveu Boaventura de Sousa Santos, no artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo* em 22-11-2006. Confira a reprodução do artigo nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 22-11-2006.

**Entrevista com Tilden Santiago**

**Título: Cuba: "Chamaria de transição suave"**

O berço socialista facilitou a tarefa do embaixador Tilden Santiago - companheiro sindicalista de Luiz Inácio Lula da Silva desde o final da década de 70 - na terra de

Fidel Castro. Em 2003, a indicação política de Tilden condizia com o trânsito que Lula precisava consolidar em Cuba. Mineiro e ex-deputado federal pelo PT, Tilden recebeu do presidente a tarefa de aprofundar as relações políticas entre os dois países e "cuidar" dos estudantes de medicina brasileiros na ilha. Confira a entrevista publicada pelo jornal *Zero Hora* em 22-11-2006 e reproduzida nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 22-11-2006.

**Entrevista com Luiz Pondé**

**Título: "Cláudio Hummes põe fim a trauma da igreja"**

Pondé afirma, em entrevista publicada no jornal *Folha de S. Paulo*, que a ida de D. Cláudio ao Vaticano é sinal de que a Santa Sé resolveu curar um "trauma" que havia entre a igreja do Brasil e o papado. Confira a entrevista na íntegra nas *Notícias Diárias* no sítio do IHU no dia 26-11-2006.

**Entrevista com José Oscar Beozzo**

**Título: "Brasil voltou a ser importante para o Vaticano"**

Beozzo afirma em entrevista publicada hoje, 26-11-2006, no jornal *Folha de S. Paulo*, que o papado de Bento 16 surpreende porque recolocou o Brasil no "jogo" do Vaticano. Confira a entrevista na íntegra nas *Notícias Diárias* no sítio do IHU no dia 26-11-2006.

Confira os artigos a respeito da nova obra de Richard Dawkins "The God Delusion" nas *Notícias Diárias* dos dias 26 e 27 de novembro de 2006.

## Frases da semana

### Aids

"Há 25 anos, os primeiros casos de Aids foram detectados. Desde então, o vírus HIV já causou mais de 25 milhões de mortes. Em 1996, mais de 20 milhões de pessoas viviam com o HIV. Hoje, são cerca de 40 milhões". - **Laurent Zessler**, médico infectologista e especialista em saúde pública, é representante do Unids no Brasil - **Folha de S. Paulo**, 21-11-2006.

"Devemos nos preparar para conviver com o HIV pelos próximos 25 anos. Seremos desafiados a encontrar novas fórmulas para diminuir a vulnerabilidade em todas as populações e cuidar das pessoas vivendo com HIV/Aids, respeitando os princípios firmados pelos direitos humanos e seguindo rumo ao acesso universal em todo o mundo, enquanto buscamos a vacina ou a cura". - **Laurent Zessler**, médico infectologista e especialista em saúde pública, é representante do Unids no Brasil - **Folha de S. Paulo**, 21-11-2006.

### Altman

"Vejo todos os meus filmes como capítulos de uma só obra, um único filme de que nunca me cansei" - **Robert Altman**, diretor de cinema - **El País**, 23-11-2006.

### Aeroportos

"Tráfego aéreo em São Paulo só não é pior que o trânsito em São Paulo porque motocicleta não voa. Ainda não!" - **Tutty Vasques**, humorista, **nominimo**, 23-11-2006

"A arrogância com que Gol e TAM têm tratado o consumidor é reflexo do poder de mercado que elas têm" - **Lucia Helena Salgado**, economista do IPEA - Estado de S.Paulo, 26-11-2006.

### Rigotto segundo Feijó

"Rigotto perdeu a eleição porque fez o pior governo dos últimos anos" - **Paulo Feijó**, vice-governador eleito pelo PFL - **Zero Hora**, 23-11-2006.

### Lula

"Se alguém quiser fazer oposição a mim, faça na eleição de 2010, quando não serei candidato. E, se eu tiver de fazer oposição a algum governador, também vou deixar para 2010" - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - **Estado de S. Paulo**, 24-11-2006.

"Estou convencido de que vou fazer um segundo governo tão bom que até o PT vai gostar" - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - **Folha de S. Paulo**, 26-11-2006.

"Vamos ser sinceros. Os últimos que fizeram coisa importante nessa área foram os governos militares. Sarney, Collor, Itamar, Fernando Henrique e eu fomos todos medíocres" - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - **Folha de S. Paulo**, 26-11-2006.

### OAB

"A OAB hoje é uma biruta em aeroporto, uma nau sem rumo" - **Antonio Claudio Mariz de Oliveira**, advogado criminalista e ex-presidente da OAB - **Valor**, 24-11-2006.

"A OAB perdeu a sensibilidade de saber quando e como se posicionar, e isso é reflexo da ineficiência e da perda de independência de alguns dirigentes" - **Rui Celso Reali Fragoso**, advogado - **Valor**, 24-11-2006.

"O advogado perdeu prestígio, a OAB precisa lutar pela valorização da classe" - **Leandro Donizete Pinto**,

advogado - Valor, 24-11-2006.

#### Jornalismo impresso

"O jornalismo impresso vive uma crise que é, sim, financeira, mas é acima de tudo uma crise de destino" -

Clóvis Rossi, jornalista - Folha de S. Paulo, 26-11-2006.

#### PUC-SP

"O modelo da grande universidade de ensino, pesquisa e extensão, com vigorosa atuação em graduação, mestrado e doutorado, é viável também em instituições

não estatais. O exemplo da PUC-SP confirma essa tese" - Maura Pardini Bicudo Vêras, reitora da PUC-SP - Folha de S. Paulo, 26-11-2006.

#### Mano Menezes

"Fico com Mano Menezes (como técnico do ano), essencial para a ressurreição do Grêmio. E a um custo muito menor do que certos pavões que voam por aí" - Juca Kfourri, jornalista - Folha de S. Paulo, 26-11-2006.

## As Notícias Diárias do IHU

UMA RELEITURA DA SEMANA FEITA PELO CENTRO DE PESQUISA E APOIO AOS TRABALHADORES - CEPAT

As Notícias Diárias - publicadas na semana de 19 a 25 de novembro no sítio do IHU - [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu) - possibilitam-nos um rico debate em torno de alguns temas da conjuntura nacional, latino-americana e mundial. Entre elas, destacam-se o modelo de desenvolvimento para o Brasil, a retomada da articulação do movimento social brasileiro e a efervescência política do continente latino-americano. Muitos outros conteúdos - alguns dos quais serão mencionados - foram abordados, mas fiquemos nesses que foram mais recorrentes ou que achamos mais instigantes.

#### O desenvolvimento sustentável é possível?

Um dos debates mais instigantes sugeridos pelas Notícias Diárias na semana é o que diz respeito ao modelo de desenvolvimento que se deseja para o Brasil. A semana já começou com a notícia de que Ambientalistas articulam contra-ataque à mudança de regras ambientais, 19-11. A informação dava conta de que caiu mal entre os ambientalistas a proposta de Lula de mudar as regras ambientais para destravar obras de infra-estrutura, como estradas e hidrelétricas. O debate continuou no dia 20-11 com a notícia: Governo se

desentende sobre obras de transposição do São Francisco, uma tentativa de burlar os impedimentos licitatórios. Mas o debate esquentou mesmo com a notícia do dia 22-11: Índios e ecologistas, segundo Lula, entravam o crescimento econômico, notícia em que Lula afirma que irá se dedicar "até o 31 de dezembro à missão de encontrar formas de destravar o país". E listou, entre os entraves ambientalistas, licenças ambientais, índios, quilombolas e o Ministério Público. Ato contínuo, como se pode verificar no dia 24-11, duas notícias manifestam uma reação à fala de Lula: Ministério do Meio Ambiente afirma em nota que não está "travando o país" e Meio Ambiente diz ser "bode expiatório". Nas notícias a postura subserviente do Ministério do Meio Ambiente, comandado pela Ministra Marina Silva, dizendo que a culpa sobre os tais "entraves" a que Lula se refere não é sua.

O Ministério do Meio Ambiente perdeu uma excelente oportunidade para problematizar o debate. Transformar o Brasil num imenso canteiro de obras - por paradoxal que possa ser - não poderá isso sim travar o país mais à frente? Transposição do Rio São Francisco; construção de

dezenas de hidrelétricas; ampliação da estrutura rodoviária, ferroviária, portuária e aeroviária; termoelétricas; retomada da construção de reatores nucleares (Cf. no dia 23-11: Brasil terá mais 4 usinas nucleares); gasodutos (Cf. 23-11 Em estudo gasoduto Venezuela-Nordeste); ampliação das fronteiras agrícolas; privatização da Amazônia para ordenar o crescimento sustentável; PPPs para tudo que é lado para dinamizar e superar os gargalos - não poderá tudo isso comprometer o futuro do país, naquilo que ele mais tem de “competitivo” internacionalmente que é o seu patrimônio ambiental?

O movimento ambientalista reagiu fortemente, como se pode perceber nas **Notícias do Dia** de 25-1: Ambientalistas criticam discurso de Lula e Entidades repudiam declaração de Lula sobre povos indígenas e quilombolas. As notícias repercutem a nota “Crescer, sim. De qualquer jeito, não”, do movimento ambientalista. Ainda mais duro foi o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) como se pode perceber no mesmo dia 25-11: Lula reafirma preconceito contra negros e índios, afirma Cimi. Na nota, o Cimi afirma “estar indignado com a afirmação de Lula de que pretende destravar todos os penduricalhos que atrapalham a agilidade de quem é prefeito, de quem é governador e de quem é presidente”, realizada durante encontro com governadores. O Cimi afirma, entre outras coisas, que “é inaceitável que a maior autoridade do país, com este tipo de afirmação, reforce o alto grau de preconceito existente contra negros e índios”.

A obsessão por grandes obras como marco fundante para promover um acelerado crescimento econômico se tornou uma unanimidade, ou quase. Trata-se de retomar a “Era Vargas” e o “desenvolvimentismo de JK”. No projeto de País para dez entre dez economistas brasileiros, a receita é uma apenas: “crescer, crescer e crescer”. A pergunta que fica: é possível crescer de

forma indefinida, exaurindo os recursos naturais? O conceito de desenvolvimento sustentável não estaria superado? Esse é o projeto de nação do PT, de Lula e da esquerda brasileira?

Nesse sentido a releitura dos artigos de Washington Novaes - que regularmente o sítio publica - se torna indispensável. O jornalista e ambientalista tem colocado o dedo na ferida no debate em torno do projeto de País que se deseja e não o deixou de fazer no debate acima exposto no artigo De volta, as velhas assombrações . Artigo de Washington Novaes, publicado pelas **Notícias Diárias** de 24-11, como na excelente entrevista concedida ao IHU no dia 28-10: “Não faz sentido o Brasil retomar a opção pela energia nuclear”. Entrevista especial com Washington Novaes.

Na mesma perspectiva vale a pena conferir o alerta da nota, 23-11: De Kyoto a Nairóbi. Debater as possibilidades de um projeto de País que se contraponha à lógica obsessiva do crescimento e de rendição à ortodoxia do economicismo é possível? A pertinência de um projeto nacional fundado no conceito de “sociedade sustentável” não seria mais interessante do que o do “desenvolvimento sustentável”? Para um atento leitor, esse é um dos debates, absolutamente urgente, que as **Notícias do Dia** na semana suscitam.

### O movimento social não se rende

A reflexão anterior revela que Lula já tem uma idéia clara de país na cabeça. Por outro lado, isso significa trombar com o movimento social. É o que se pode identificar nas **Notícias do Dia**, durante a semana. Em que pese a fragilidade do movimento social brasileiro a partir dos anos 1990 resultado do “arrasa-quarteirão neoliberal”, é impressionante perceber que o movimento social não se rende, mas resiste e se articula.

Prova disso foi a plenária nacional da Assembléia Popular: Bandeiras da esquerda serão unificadas para disputar governo Lula (22-11); e o encontro das pastorais sociais na reunião de fechamento da 4ª Semana Social Brasileira: CNBB e pastorais devem engrossar mobilizações sociais (22-11). Os dois encontros, como nos mostram as **Notícias do Dia**, abordam a rearticulação do movimento social frente ao segundo mandato de Lula. Nos encontros se costurou uma agenda unitária de luta com destaque para o tema em torno da privatização da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD): Plebiscito Popular pela Anulação do Leilão da Vale do Rio Doce (19-11). O movimento social considera que a privatização da Vale constitui-se num dos maiores escândalos da história republicana brasileira. As **Notícias do Dia** destacaram ainda a adesão da CNBB: CNBB propõe rever a privatização da Vale e auditoria da dívida externa (20-11). Um dos grandes eixos aglutinadores desse ano do movimento social brasileiro será exatamente a organização de um Plebiscito Popular a ser realizado na Semana da Pátria de 2007 e que culminará com o 13º Grito dos Excluídos.

Ainda nesta semana, relacionado ao movimento social, as **Notícias Diárias** anunciavam a marcha à Brasília da CUT e da Força Sindical: CUT e Força vão manter pressão por mínimo de R\$ 420 (22-11). Trata-se de uma novidade o fato de que a CUT pressione o governo desde o início do seu segundo mandato, uma vez que vinha se conduzindo como linha auxiliar das políticas do Planalto. Resta acompanhar se é para valer ou se faz parte de um jogo combinado, no qual governo e Central saem ganhando.

É extremamente positivo perceber que há uma rearticulação das forças do movimento social. Agora, talvez sem grandes ilusões em relação ao governo Lula.

Porém, é questionável a tese do professor Antonio Queiroz em sua entrevista ao sítio do IHU nas **Notícias do Dia** de 22-11 - Nova câmara dos deputados federais é mais conservadora. Entrevista especial com Antônio de Queiroz - na qual afirma que “o maior erro dos movimentos sociais no Brasil, no primeiro governo Lula, foi o fato de que atenderam a um apelo do presidente, que dizia: ‘Fiquem em casa e me julguem no final do meu mandato’”. Essa tese propagandeada por muitas pessoas das pastorais e movimentos sociais é errônea. É fato que parcela do movimento social se acomodou, porém parcela significativa reagiu e desde o começo se insurgiu contra os rumos neoliberais do governo Lula. Ocorre que a capacidade de mobilização do movimento social fragilizada que está não possibilitou uma reação o ponto de alterar a correlação de força.

#### Uma “pedra” que não cala

Entre outros temas relevantes repercutido pelas **Notícias Diárias**, destaca-se o debate em torno de um “esqueleto” que não saiu do armário da sociedade brasileira, a Lei da Anistia. O tema voltou à baila em função do processo que sofre o coronel reformado do Exército Carlos Alberto Brilhante Ustra por abusos que teria cometido quando comandou o DOI-Codi paulista nos anos 1970. Em seu discurso, Ustra manifestou o temor de que a ação contra ele seja o primeiro passo dos derrotados de 1964 para, em seguida, mover novos processos e pedir o julgamento dos abusos praticados pelos militares nos 21 anos de ditadura. O debate pode ser acompanhado nas **Notícias Diárias** de 23-11: Bicudo: anistia não livra torturadores e Ditadura militar. Jarbas Passarinho critica processo 'décadas depois' e por um conjunto de notas no dia 24-11: "Espírito da lei foi pôr uma pedra sobre o passado", afirma professor de direito; "Não há como continuar admitindo esse pacto de silêncio", segundo professora do direito e Apologia da

tortura. Artigo de José Carlos Dias.

A tortura é ainda um daqueles temas não resolvidos na sociedade brasileira. Chile e Argentina tem tido mais coragem do que nós para colocar o dedo numa ferida que nunca foi cicatrizada. A transição da ditadura para a democracia feita “pelo alto” não permitiu que fizéssemos o “ajuste de contas” necessário e indispensável de um dos piores e mais sofridos momentos da história da sociedade brasileira.

### Rumo a uma sociedade da vigilância consentida?

Há temas que chamam a atenção pela frequência com que aparecem. Outros, no entanto, o fazem pela quase total ausência. Nesta semana, a sociedade brasileira foi surpreendida por uma medida que visa a implantação de um chip em todos os veículos automotivos. A alegação é de que contribuirá para fiscalizar o pagamento do IPVA, para facilitar a localização de carros e melhorar o gerenciamento do tráfego, alega o artigo Carros terão de circular com chip, de 23-11. Pelo visto, trata-se de uma medida com forte apelo popular. Ao comentar a notícia, uma pessoa de maneira satisfatória comentou: “Opa, então quando meu carro for roubado, logo será encontrado!” Matéria complementar, traz também algumas reações à medida. Segundo especialistas, trata-se de uma iniciativa inconstitucional, pois coíbe o direito de ir e vir. Veja em Para advogados, chips nos carros pode ferir Constituição. Mas, será que é apenas isso que está em jogo? Aqui remetemos o leitor para duas análises publicadas neste espaço ainda que em semanas anteriores, mas cuja referência é indispensável. Referimo-nos à entrevista No futuro, uma sociedade de indivíduos controlados. Entrevista com Thierry Balzacq, publicada em 8-11-06. Confira também o artigo Estado de tensão permanente? Um artigo de Slavoj Zizek do dia 29-9-06. Estaremos caminhando para uma sociedade que,

em vista da segurança pessoal de cada indivíduo, estes consentem em limitar a sua liberdade? Ou estaremos cruzando o limiar de uma sociedade em que, como afirma Zizek, iremos nos acostumar cada vez mais com um “Estado de exceção permanente”? Será possível “viver juntos” (Touraine), portanto, construir sociedade, sob um tal regime? Haverá democracia possível em tal situação? Trata-se de um material bem instigante para a discussão deste tema. Preocupa, vale notar, a ausência de debate sobre questão dessa magnitude.

### A América Latina no reino da instabilidade

Historicamente, o Brasil esteve de costas para a América Latina. Sabia-se mais o que estava ocorrendo na Europa ou nos Estados Unidos, do que em nossos países vizinhos de América Latina. Lentamente, esta realidade vem se modificando. O Notícias Diárias está contribuindo para criar uma maior sensibilidade para com as grandes questões que afetam a América Latina. Diversas questões relativas a vários países da América Latina ocuparam este espaço ao longo da semana: México, Argentina, Bolívia, Cuba e Equador. Queremos destacar dois destes acontecimentos: os diversos acontecimentos do México, por um lado, e as eleições no Equador, realizadas ontem, por outro.

O México teve eleições presidenciais neste semestre, cujo resultado é fortemente questionado por López Obrador e seus partidários, que acusam o vencedor, o conservador Felipe Calderón, de fraude. Nesta semana, López Obrador, numa solenidade que reuniu mais de um milhão de pessoas na Praça central Zócalo, na Cidade do México, lançou seu “governo”. Por outro lado, Felipe Calderón tem dificuldades no Congresso para ser empossado como presidente, cujo mandato começa no dia 1º de dezembro. Por outro lado, ao longo da semana o sítio seguiu acompanhando os movimentos sociais de

Oaxaca, na região sul do País. Uma das grandes reivindicações da Assembléia Popular dos Povos de Oaxaca (APPO) é a renúncia do governador, Ulises Ruiz. As duas frentes têm em comum o repúdio da política neoliberal que jogou na pobreza milhares de mexicanos, especialmente indígenas. Ao mesmo tempo que questionam as formas tradicionais de fazer política.

O Equador, por sua vez, desemboca no segundo turno das eleições com um retrospecto que ressalta a instabilidade da democracia formal: este País andino teve 8 presidentes nos últimos 10 anos, como observa o texto *O Equador assiste ao duelo entre o magnata Noboa e o populista Correa. O disputado segundo turno acontece neste domingo*. Portanto, independentemente do resultado de ontem, o grande desafio parece consistir em que o presidente eleito consiga concluir seu mandato. Para além disso, tudo indica que será uma

escolha do “menos ruim”, infelizmente. Este quadro é agravado ainda pelo descrédito em que caiu o partido indígena Pachakutik devido à sua aliança com o ex-presidente Lucio Gutiérrez (Cf. a entrevista com Pablo Dávalos economista, professor universitário e membro da Confederação das Nacionalidades Indígenas do Equador: “O Equador é um país muito racista com a comunidade indígena”. Entrevista com Pablo Dávalos). Ou seja, a falta de sensibilidade política fez com que pague um alto preço diante da população por sua participação no governo, ao querer entrar de maneira precipitada num sistema político já desgastado nos últimos anos.

O que ambos países têm em comum é justamente a efervescência social criada em torno da insatisfação política que, por sua vez, não consegue eliminar a instabilidade da democracia formal. Ou mesmo aponta para seus limites.

## Eventos

## A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza

II CICLO DE ESTUDOS DESAFIOS DA FÍSICA PARA O SÉCULO XXI

*O prof. Dr. Attico Chassot do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisinos, vai falar no próximo Ciclo de Estudos Desafios da Física para o século XXI sobre A ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza. Sobre o assunto, o professor concedeu uma entrevista por e-mail à IHU On-Line: “Como digo na última das respostas esse encontro me mobiliza. Neste novembro, falo em seis universidades e em mais duas cidades de Santa Catarina, mas nada me envolve tanto como essa fala do dia 29 de novembro”.*

*O professor Attico Chassot é mestre e doutor em Educação pela UFRGS, e pós-doutor pela Universidade Complutense de Madri. Ele é autor de diversos livros, entre os quais citamos: Para que(m) é útil o ensino?. Canoas: ULBRA, 1995; e Alfabetização científica: questões e desafios para a educação. Ijuí: Editora Unijuí: 2001. Chassot apresentou dois livros de sua autoria no evento Sala de Leitura, promovido pelo IHU, em 9 de dezembro de 2003. O título do segundo livro foi tema do IHU Idéias do dia 20 de agosto de 2003. O professor já concedeu entrevistas à IHU On-Line nas edições 87 e 154.*

*O evento acontece dia 29 de novembro, às 17h30, na sala 1G119.*

### “Por que os bebês choram ao nascer?”

ENTREVISTA COM ATTICO CHASSOT

**IHU On-Line - Como a Ciência pode explicar as transformações da natureza?**

**Attico Chassot -** Vou me valer de uma metáfora kunhiana<sup>1</sup>. A Ciência é apenas uma das maneiras de

<sup>1</sup> A referência é a Tomas S. Kuhn (1922-1996) estadunidense, físico teórico (Harvard University 1949), historiador e filósofo da Ciência, um

---

líder na contribuição para a mudança do foco na filosofia e na sociologia da Ciência na segunda metade do século passado. Ensinou nas mais importantes universidades estadunidenses [Harvard, Berkeley, Princeton, Massachusetts Institute of Technology (MIT)]. Em 1962 publicou *A estrutura das revoluções científicas*. [São Paulo: Perspectiva, 1991], talvez o texto mais referido nos artigos e livros que tratam da História e da Filosofia da Ciência. Não sem razão que ele,

lermos o mundo, eis outras possibilidades. Talvez possamos identificar leituras marcadas pelo senso comum, pelos mitos, pelos saberes populares ou pelas religiões. Aqui e agora, é muito importante afirmarmos que qualquer uma destas leituras *não* recebe um aval, ou mesmo um rótulo, de que seja a mais certa ou mais adequada. Cada uma e cada um de nós pode se afiliar a uma destas leituras. Em minha fala *II Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: um diálogo desde a Filosofia*, na próxima quarta-feira, o convite é para pensarmos acerca de como a Ciência lê o mundo natural, antecipando que não estamos desqualificando qualquer uma das outras leituras e muito menos sugerindo que se abandone uma ou outra em favor desta que tem sido central durante todo o Seminário. Os epistemólogos dizem que podemos usar diferentes óculos para as nossas observações. Antes de mostrar quais podem ser esses óculos, vou propor uma questão: *por que os bebês choram ao nascer?* Esta me parece ser uma boa questão que se presta a uma excelente investigação. Muito provavelmente já nos fizemos esta pergunta e se a propusermos a pessoas com diferenciadas leituras do mundo obteremos respostas muito diferenciadas. No *Programa de Aprendizagem: Conhecimento e Ciência*<sup>1</sup>, propus que alunas e alunos escolhessem uma pergunta<sup>2</sup>, que usualmente seja objeto de curiosidade e primeiro buscassem respondê-la e após a formulassem a pessoas de diferentes estratos culturais.

---

como também Fayerabend e outros epistemólogos, é considerado um dos maiores inimigos da Ciência. Eles nos ensinaram a abandonar as certezas e trabalhar com a incerteza. Isso, usualmente, não muito cômodo. (Nota do entrevistado)

<sup>1</sup> Esse *Programa de Aprendizagem* foi oferecido em 2004/2 a alunas e alunos de uma dezena de licenciaturas da Unisinos. (Nota do entrevistado)

<sup>2</sup> Perguntas objeto de curiosidades: Na [www.unisinos.br/pastanet](http://www.unisinos.br/pastanet) no escaninho *Attico Chassot*, no Programa de Aprendizagem: Conhecimento e Ciência há mais de uma centena destas perguntas e também indicações de sítios na Internet onde encontrar estas perguntas. (Nota do entrevistado)

Em investigação realizada por um dos estudantes<sup>3</sup>, este propôs o seguinte questionamento: *por que os bebês choram ao nascer?* da qual foram trazidas leituras [*das quais se apresenta uma pequena síntese em seguida*] de uma parteira [... *pedindo o sopro da vida que a parteira infunde quando assopra nas narinas...*], de uma obstetra [... *para estimular o funcionamento dos alvéolos e ativar o início da respiração...*], de uma pessoa sem escolarização formal [... *o nenê chora de saudade da vida boa que tinha na barriga da mãe...*] e de um teólogo [... *para pedir a Deus que lhe insufla a vida...*].

Talvez possamos identificar leituras marcadas pelo senso comum, pelos mitos, pelas religiões ou pela Ciência. Vale repetir que não se está julgando e, muito menos, desqualificando qualquer uma das outras leituras diferentes daquela que se coloca como a proposta pela academia, que apenas fazemos central aqui, muito menos sugerindo que se abandone uma ou outra em favor desta leitura proposta pela Ciência.

### Campos dicotômicos

Assim, as *religiões* afirmam a existência de uma verdade global, imanente, eterna, completa, que trata tanto da natureza como do homem. Esta verdade tem uma exigência fulcral para crê-la: a *fé*. Algumas vezes, a leitura de mundo com os óculos das religiões é bastante ingênua. Veja-se essa afirmação: “Admira meu filho, a sabedoria divina, que fez o rio passar perto das grandes cidades”. Há outras em que a leitura religiosa tem a marca do fundamentalismo. Todavia, fundamentalistas ainda os há, lamentavelmente, em todos as áreas do conhecimento, inclusive nas ciências. A propósito permito-me recomendar o primeiro volume da *Coleção Aldus*, da Editora Unisinos: *O que é fundamentalismo?* do professor Martin Dreher.

---

<sup>3</sup> Refiro-me ao trabalho realizado por Carlos Marcelo Fonseca Aquino, do curso de História da Unisinos a quem agradeço por estar aqui me apropriando de sua investigação. (Nota do entrevistado)

Quando se fala em Religião e Ciência se advoga a existência de campos dicotômicos. Mas cabe a pergunta: por que, por exemplo, a religião se faz tão fortemente presente em discussões como a que se propõe aqui? Houve um tempo, não tão curto e nem tão distante - aquele que medeia o entorno da virada do século XV para o XVI até o Século das Luzes - em que houve uma significativa interferência entre os dois campos. Interferências estas que ocorreram com disputas, ou pior, até com embates cruentos. Julgamentos como o de Galileu ou martírios como o de Bruno não foram atos isolados. Para a separação entre os dois campos, a contribuição do Iluminismo talvez tenha sido decisiva com a proclamação de Kant com o “liberta-te daqueles que querem pensar por ti, e pensa!”. Então a ciência não apenas adquiriu / adquire *status* independente, mas trouxe superações, chegando, há um século, a ser aceita como um sucedâneo à religião. Afortunadamente, essa interpretação, tida por alguns como um ápice ou refinamento, também parece superada.

Houve / há um aparente triunfo da Ciência. Os homens e as mulheres, com a Ciência, têm resolvido problemas significativos quanto à diminuição do trabalho físico, aumento da longevidade com novos remédios e alimentos e próteses de parte do corpo, que já começam a ser possível até por clonagem. Aqui me permito acenar que trarei na minha fala uma análise mais extensa desse assunto. Parece muito provável - e não se quer passar a idéia de que a Ciência seja uma fada benfazeja, até porque ela também se assemelha muito a um ogro -, o quanto ela melhorou a qualidade de vida dos humanos.

A respeito deste binarismo, há um tempo dicotomizava a Ciência como sendo ora uma fada benfazeja, ora uma bruxa; ao fazer outras leituras acerca da bruxaria, revisitados vários conceitos acerca das bruxas, tendo-as como pólo das disputas pelo conhecimento entre homens e mulheres, passei a falar que a Ciência era, ora uma fada benfazeja, ora um ogro maligno, ficando no eterno

duelo entre o Bem e o Mal, que diferia da anterior apenas na personificação do Mal. Mais recentemente, abandonei essa dicotomia, e aderi a uma outra metáfora para a Ciência, que aprendi com Collins & Pinch<sup>1</sup>. Mesmo que seja mais polêmica, me parece mais adequada, dizendo que a Ciência se parece mais ao *Golem* (Goilem), aquele ente da mitologia judaica que é descrito como um gigante de barro que desconhece sua verdadeira força e assemelha-se muito a um bobão, mas que tem ações, às vezes, de sábio e outras de sabido. Aqui sabido nas suas duas acepções quase antípodas: uma, *conhecedor, sabedor, versado, perito*; a outra: *astuto, finório, velhaco, trapaceiro*. Realmente, muitas vezes a Ciência, ou melhor, os homens e as mulheres que fazem Ciência aparentam desconhecer a força que têm e agem como Golem. Aliás, permito-me antecipar que minha fala desta quarta-feira, ao lado das contribuições de Kuhn que citei na abertura desta entrevista, tem marcas muito feyerabendianas<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> COLLINS, Harry & PINCH, Trevor. *O golem: o que você deveria saber sobre Ciência*. São Paulo: Editora da UNESP, 2003. ISBN 85-7139-497-0. (Nota do entrevistado)

<sup>2</sup> A referência é a Paul Karl Feyerabend (1924-1994) um físico austríaco de renome na área, que também era apaixonado por canto lírico e um profundo conhecedor de teatro. Talvez, dos filósofos mais citados na segunda metade deste século. Sua obra mais famosa é *Contra o Método* a última [2ª] edição brasileira é de 1985 da Editora Francisco Alves, mas está esgotada. Parece haver promessas de uma terceira edição pela editora da UNESP de São Paulo. Recomendo ainda de Feyerabend, *Matando o tempo* [Editora UNESP, 1996. ISBN: 8571391300] que é sua autobiografia completada em seu último mês de vida. Em um estilo límpido e vibrante, o autor evoca sua família, a ascensão do nazismo, a Segunda Guerra Mundial e cenas do teatro, da música lírica, dos trabalhos da filosofia da ciência, as mulheres de sua vida e suas relações com alguns dos intelectuais mais importantes deste século: Brecht, Wittgenstein e Popper. É um texto intimista como soem ser as autobiografias. São menos de 200 páginas que se devora com sofreguidão e se torce para que não terminem. Foi lançado recentemente (outono de 2006) *A conquista da Abundância* [Editora UNISINOS, 374 p. ISBN 85-7431-272-X.] que é uma obra póstuma de reconhecido valor. (Nota do entrevistado)

Parece indiscutível que não tenhamos sabido administrar as conquistas da Ciência. Lamenta-se que, em 11 de Setembro de 2001, tenha havido cerca de 3.000 mortes inocentes no ataque às torres gêmeas do WTC, atualmente, a cada dia, morrem dez vezes mais pessoas devido à falta de água potável<sup>1</sup>. Mesmo que os apregoadores dos transgênicos apresentem soluções para a produção de alimentos por menor custo, assistimos ao aumento da miséria, com mais homens e mulheres, e especialmente crianças, morrendo de fome. O sociólogo polonês Zygmunt Bauman<sup>2</sup> refere-se à existência de “resíduos de humanos” e fala no crucial dilema que vive o Planeta diante de um fenômeno novo e sem precedentes que representa uma crise aguda, onde a “indústria do tratamento de resíduos humanos” se encontra sem condições de “efetuar as descargas e sem instrumentos de reciclagem. Ao mesmo tempo, a produção desses resíduos não diminui e aumenta rapidamente em volume.” Esse é um outro doloroso e cruento lado da moeda desta Ciência aparentemente triunfadora.

E aqui parece que se podia pensar em uma não dicotomia. Não seria aqui o espaço privilegiado das religiões para o chamamento à concórdia e à recordação de princípios éticos. Assim não se prognostica um choque

---

<sup>1</sup> Ouvi essa afirmação dolorosa de Ricardo Petrella, economista italiano, professor na Universidade Católica de Lovaina, Bélgica, que esteve na Unisinos, participando em setembro de 2004, do Simpósio Internacional *Água: Bem Público Universal* com a palestra “Água: o desafio do bem comum”. A palestra está publicada no livro NEUTZLING, Inácio, *Água: Bem Público Universal*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004, p. 9-31. (Nota do entrevistado)

<sup>2</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, ISBN 85-7110-873-0. (Nota do entrevistado)

entre o racionalismo científico e a autoridade da fé. Ao contrário, à Ciência estaria reservado o papel de explicar e transformar o mundo e às religiões, entre outras práticas que lhes são funções históricas, como a religião dos humanos ao divino, estaria destinado, juntamente com outros grupos organizados de movimentos sociais, garantir que essas transformações sejam para melhor. Parece pouco? Ao contrário, é muito. São utopias, mas...

***IHU On-Line - Quais os desafios da alfabetização científica? O que vem sendo feito nesta área e quais os avanços que já aconteceram?***

**Attico Chassot** - Para responder a esta pergunta, desejo trazer uma questão preliminar: *O que é Ciência?* Não vou responder a essa questão aqui e agora. Esse interrogante é até título de um livro de Alan F. Chalmers - no original *What Is This Thing Called Science?* ou *O que é essa coisa chamada Ciência?* - que traz extensas tentativas de responder à questão, especialmente na discussão do assim chamado método científico. Logo se pode prever que desejar, aqui e agora, dar uma resposta a essa pergunta não é fácil. Mesmo que me proponha a ampliar a leitura feita pela Ciência, ou até fazer da Ciência um instrumental para ler o mundo, e discutir adiante as necessidades de alfabetização científica, trago aqui uma descrição de Ciência que talvez pareça reducionista. Asseguro que ela serve para os propósitos das discussões deste texto. Talvez pudesse antes acrescentar que a extensão de uma definição teórica ou mesmo a precisão matemática de um resultado dependem dos objetivos com que os usamos.

A Ciência pode ser considerada uma linguagem construída pelos homens e pelas mulheres para explicar o nosso mundo natural. Permito-me sublinhar alguns pontos nesta definição de Ciência: é um construto humano, isto é, foi construída pelos homens e pelas

mulheres. Como consequência desta natureza humana, a *Ciência* não tem a verdade, mas aceita algumas verdades transitórias, provisórias em um cenário parcial onde os humanos não são o centro da natureza, mas elementos dela. O entendimento destas verdades - e, portanto, a não-crença nelas -, tem uma exigência: a *razão*. Aqui temos um primeiro alerta: diferentemente das religiões que admitem ter verdades reveladas, a *Ciência* não tem verdade.

Ao afirmar que a *Ciência* é uma construção dos homens e mulheres, abro um parêntesis para dizer que escrevi um livro: *A Ciência é masculina?* (Editora Unisinos, 2003, 2. ed.). Nele procuro mostrar que, não por acaso, a construção da *Ciência*, como também das Artes, da Filosofia, da Política, é uma construção predominantemente masculina. Aliás, as religiões também são construtos masculinos e têm responsabilidades muito grandes nesse enfiamento machista da sociedade. Aliás, ainda dentro dos parênteses, tenho uma gratidão ao *Instituto Humanitas*. Já fiz cerca de meia centena de palestras acerca desse livro, no Brasil e no exterior, resultante da primeira discussão que fiz, aqui, em 2002. Volto à tentativa de responder o que é *Ciência*.

Na definição, antes proposta, cabe algumas das descrições mais usuais<sup>1</sup> de *Ciência*, como: '*conhecimento atento e aprofundado de alguma coisa*' ou '*conhecimento amplo adquirido via reflexão ou experiência*', ou ainda, '*conjunto de conhecimentos socialmente adquiridos ou produzidos, historicamente acumulados, dotados de universalidade e objetividade que permitem sua transmissão, e estruturados com métodos, teorias e linguagens próprias, que visam compreender e, possivelmente, orientar a natureza e as atividades humanas*', como também esta, que talvez

---

<sup>1</sup> As descrições que se citam a seguir são aquelas que usualmente estão dicionarizadas.

mais se aproxime daquela que foi apresentada no parágrafo anterior, '*processo racional usado pelos humanos para se relacionar com a natureza e assim obter resultados que lhe sejam úteis*'. Usar a linguagem da *Ciência* para descrever o mundo tem também essa dimensão utilitarista. Não apenas se descreve o mundo natural, mas se busca obter proveitos com esta descrição. Poder-se-ia fazer aqui uma extensa listagem de proveitos por se conhecer a *Ciência*. Fiquemos em apenas um exemplo: fazer previsões meteorológicas.

Talvez valha ampliar um pouco comentários acerca do utilitarismo. Em geral, chama-se de *útil* a tudo que pode servir para algo. Assim, *algo útil* é *algo instrumental*, e por isso se chama de *útil* (aqui como substantivo) a um instrumento ou um utensílio. Objeto que tem utilidade como meio ou instrumento para alguma coisa: utensílios domésticos. *Utensílio ou ferramenta* ou instrumento é tudo aquilo de que o homem se serve para fazer, produzir ou plasmar algo. Esta noção desempenha papel importante em várias tendências filosóficas, como no marxismo, que prestou particular atenção ao trabalho, quando se mostra, por exemplo, como ferramentas, e aqui particularmente os talheres, são prolongamentos das mãos, como está mais detalhado no meu livro *A ciência através dos tempos* (Moderna, 18ed. 2006). Mais especificamente se diz ser *útil* tudo que serve para satisfazer necessidades humanas, individuais ou coletivas. Diz-se, por exemplo, de período reservado ao trabalho produtivo. Assim, há os dias úteis ou dias em que se produz ou dias de trabalho.

No entanto, uma definição de *Ciência* como esta: '*conhecimento que, em constante interrogação de seu método, suas origens e seus fins, procura obedecer a princípios válidos e rigorosos, almejando esperada coerência interna e sistematicidade*' é muito mais refinada, ou mais complexa do que aquela que propus. Nessa resposta, à pergunta que abre esse segmento,

temos mais que uma descrição, pois temos já uma postura epistemológica, que toma as Ciências como objeto de investigação. Aliás, talvez então fique fácil entender, por exemplo, por que Giles-Gaston Granger escreveu um livro no qual discute se devemos nos referir à Ciência ou às Ciências. Ou ainda qual a diferença de grafarmos Ciência ou ciência. Um bom exercício é olharmos criticamente certas definições e ver o quanto elas respondem nossas expectativas acerca do conceituado. Também o quando diferentes definições são ou não congruentes.

Quando se considera a Ciência uma linguagem, pode-se já antecipar que deter alfabetização científica é saber ler esta linguagem. É um analfabeto científico aquele que não sabe ler a linguagem em que está escrita a natureza.

Ao caracterizarmos a Ciência como uma linguagem, entendemos que compreendermos essa linguagem (da Ciência) – como entendemos algo escrito numa língua que conhecemos (por exemplo, quando se entende um texto escrito em português) – é podermos

compreender a linguagem na qual está (sendo) escrita a natureza. Assim, também podemos considerar que nossas dificuldades diante de um texto em uma língua que não dominamos – mesmo para nós leitores de língua portuguesa, muitos textos são vez ou outra esotéricos – podem ser comparadas com as incompreensões para explicar muitos dos fenômenos que ocorrem na natureza. Por exemplo, é provável que alguns dos leitores deste texto não saibam distinguir se uma página de um livro ou de uma revista está escrita em sueco ou em norueguês, assim como deve haver nórdicos, que talvez não reconheçam a diferença entre um texto em português e um em espanhol. Essa é a analogia que busco quando falo na Ciência como uma linguagem. Há ainda naturais dificuldades que temos para ler um texto que está escrito no idioma que dominamos. Na minha fala, vou comentar isso mais extensamente.

Gostaria de ampliar aqui um pouco a discussão. Há necessidade de investirmos em alfabetização científica. Permito-me trazer uma argumentação. Leia o texto que está no quadro seguinte.

- ...คอเลสเทอรอล เป็นทั้งสารสเตอรอยด์ ไลโปิด และแอลกอฮอล์ ซึ่งอาจแบ่งประเภทได้ตามไลโปโปรตีนที่คอเลสเทอรอลจับเพื่ออาศัยเคลื่อนย้ายไปในกระแสเลือด ซึ่งถ้าใครมีแอลดีแอล คอเลสเทอรอลสูง พบว่าจะมีโอกาสเกิดโรคหลอดเลือดตีบตันได้มาก ?
- ...ทะเลตาย เป็นทะเลสาบน้ำเค็มที่มีระดับน้ำต่ำที่สุด อยู่ระหว่างเขตประเทศจอร์แดนและประเทศอิสราเอล ?
- ...เชียงใหม่ เป็นจังหวัดหนึ่งในรัฐฉานของประเทศพม่า มีผู้อาศัยส่วนใหญ่เป็นชาวไทยเขิน และ ชาวไทใหญ่ ?
- ...เกาะสุมาตรา เป็นเกาะที่ใหญ่เป็นอันดับ 6 ของโลก และเป็นเกาะที่ใหญ่ที่สุดของประเทศอินโดนีเซีย พื้นที่ส่วนใหญ่ปกคลุมด้วยป่าชื้นเขตร้อน แต่การพัฒนาทางเศรษฐกิจ ร่วมกับการคอร์รัปชัน และการทำไม้ผิดกฎหมาย ทำให้พื้นที่ป่าลดลงอย่างน่าใจหาย ?
  - ...ในเรื่อง *กามนิด* กามนิดมีความปรารถนาที่จะเข้าเฝ้าสมเด็จพระสัมมาสัมพุทธเจ้าอย่างแรงกล้า โดยที่ไม่รู้เลยว่าพระภิกษุที่ตนสนทนากำลังคุยด้วยทั้งคตินั้นคือสมเด็จพระสัมมาสัมพุทธเจ้านั่นเอง ?

ที่เก็บถาวร - สร้างบทความใหม่

Muito provavelmente nenhum dos meus leitores ou leitoras consegue saber o que há neste texto, escrito em taí, língua que se fala na Tailândia. Eu também não conheço esta língua que me parece ter os caracteres mais bonitos. Apenas sei que se trata de um texto acerca do colesterol, pois esse excerto foi retirado de um

verbete onde identifiquei a fórmula do colesterol na Wikipedia.

Agora, admita a seguinte situação. Ganhas uma viagem à Tailândia por uma semana. Muito provavelmente vais aproveitar a viagem, mesmo não conhecendo a língua. Poderás ver os lindos templos budistas, o palácio real, os

mercados flutuantes e as imensas e variadas estátuas de Buda. Claro que haverá limitações. Nos museus, ficarás a dever as explicações que estão nas legendas. Jornais e mesmo televisão, só para olhar figuras. Se no movimentado trânsito de Bancoc estiveres sentado ao lado de um monge budista, muito provavelmente a tua curiosidade em saber dele algo, vai se limitar a uma afável troca de sorrisos. Mas se tua estada na Tailândia se estendesse, por exemplo, por um ano? Provavelmente irias aprender taí, para superar muitas das limitações que tem alguém que não conhece a língua de outro país. Agora, uma questão: quanto tempo ainda viveremos no Planeta Terra? Dez, vinte ou mais anos... Não vale a pena então aprendermos a linguagem que descreve o mundo?

Entender a Ciência nos facilita, também, contribuir para controlar e prever as transformações que ocorrem na natureza. Assim, teremos condições de fazer estas transformações serem propostas, para que conduzam a uma melhor qualidade de vida, isto é, por sabermos Ciência, seremos mais capazes de colaborar para que as transformações que envolvem o nosso cotidiano sejam conduzidas a fim de que tenhamos melhores condições de vida. Homens e mulheres por conhecerem a Ciência se tornaram mais críticos e ajudaram nas tomadas de decisões para que as transformações que a Ciência promove no ambiente sejam para melhor. Só isso faz ser importante contribuirmos para uma eficiente alfabetização científica. Assim, estaremos ajudando a formar jardineiros para cuidar melhor do Planeta.

***IHU On-Line - Como tornar essas explicações inteligíveis para o grande público? O senhor pode exemplificar?***

**Attico Chassot** - Talvez, uma das grandes tarefas dos envolvidos com a Educação nas Ciências é fazer a migração do esoterismo ao exoterismo. Esotérico é algo hermético, fechado acessível a poucos enquanto exotérico é algo aberto e ao alcance de muitos. Hoje

existe uma caixa preta chamada Ciência. Uma das contribuições daqueles e daquelas envolvidos com a Educação nas Ciências é envolver-se em propostas curriculares para migrar do esoterismo ao exoterismo, isto é, abrir essa caixa preta que os cientistas fizeram da Ciência. Acredito que nas minhas respostas anteriores já tenho trazido alguns exemplos. Veja questões de nosso cotidiano, como Por que o leite derrama quando ferve e a água não? Por que o sabão faz espuma e remove a sujeira? Por que o xampu não faz espuma quando estamos molhados com água do mar ou suados? Há centenas de perguntas como estas que a Ciência como instrumento de leitura do mundo explica.

***IHU On-Line - Para que(m) é útil o ensino de Ciências?***

**Attico Chassot** - Esta última pergunta me é muito grata, e mais, de resposta quase agônica. Escrevi um livro que tem como título ***Para que(m) é útil o ensino?*** (EdULBRA, 2. ed, 2005). Ele é resultado de minha tese de doutorado que teve como título ***Para que(m) é útil o ensino de Química?*** Chego a uma dolorosa constatação. A maioria do que ensinamos não serve para nada, ou ainda mais trágico: serve para aumentar a dominação. Muito do que ensinamos serve até para fazer alunas e alunos mais reféns dos dominadores. Neste livro, mostro isso com o ensino de Química que se faz nos anos anteriores à Universidade, mas permito-me uma generalização a quase todo o ensino médio e também aos anos finais do ensino fundamental. No livro, faço frase capitular algo que colhi em uma escola de Assentamento do MST: ***Se a Escola que os ricos inventaram fosse boa de verdade, eles não davam dessa Escola pra gente.***

Penso que trouxe algumas das perspectivas que trarei para o nosso encontro da próxima quarta-feira para narrar acerca de ***A ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza.*** Quero

acrescentar que, dentre as muitas falas que tenho nesse novembro em diferentes Universidades e em outras situações, essa é aquela que mais me mobiliza. Falar na casa da gente é mais difícil. Quando somos alienígenas à

tribo é muito mais fácil. Esse é um desafio para mim. Há muitas semanas, esse encontro povoa meu imaginário e também meus escritos.

## Amar verbo intransitivo

V CICLO DE ESTUDOS SOBRE O BRASIL

*O próximo Ciclo de Estudos sobre o Brasil vai trazer o livro Amar, verbo intransitivo, primeiro romance de Mário de Andrade. A obra tem como finalidade a crítica aos costumes burgueses, com suas mazelas e hipocrisias. Escrita entre 1923 e 1924, foi publicada em 1927, e seu texto caracteriza-se pela violação dos hábitos narrativos vigentes na época. A professora de Letras da Unisinos Márcia Lopes Duarte, doutora em Literatura Comparada, será a palestrante do evento, que acontece no dia 28 de novembro, na sala 1G119, às 19h30min. Confira abaixo, a entrevista exclusiva com a professora.*

## Como as relações humanas se deterioram

ENTREVISTA COM MÁRCIA LOPES DUARTE

**IHU On-Line - Qual é a atualidade da obra O Amar verbo intransitivo, de Mário de Andrade?**

**Márcia Lopes Duarte** - A obra é extremamente atual, visto que apresenta um tema contemporâneo, a possibilidade de uma iniciação sexual programada. A perspectiva abordada por Mario de Andrade diz respeito ao modo como as relações humanas se deterioram no mundo do consumo. Para tanto, ele cria uma família modelo, se tomarmos o padrão vigente, composta por pai, mãe, um filho homem e três filhas mulheres. O pai, preocupado com a possibilidade de o filho vir a ser enganado por alguma moça que estivesse interessada apenas em seu dinheiro, contrata uma governanta para iniciá-lo sexualmente. O que está em jogo, nesse processo, é a diluição das relações afetivas, que passam

a ter um valor de consumo, por isso podem ser vendidas e compradas.

**IHU On-Line - Como o Brasil é retratado na obra? Quais as semelhanças com o Brasil de hoje?**

**Márcia Lopes Duarte** - O Brasil é visto como uma terra de oportunidades, uma vez que os estrangeiros tinham possibilidade de ter emprego aqui, coisa que talvez faltasse aos próprios brasileiros. Há uma ironia acentuada na obra, pois o narrador é bastante ambíguo no que se refere aos estrangeiros, uma vez que eles aparentam superioridade, mas ocupam posições de inferioridade. Também há uma crítica ao nacionalismo de fachada, através do qual se enaltece o país, mas cultua-se os hábitos estrangeiros como superiores. O Brasil de hoje

sofre destes mesmos males, ou seja, há muitos que se ufanam do país, mas, na verdade, não perdem a oportunidade de se curvar aos modismos estrangeiros, sem questionar o conteúdo deles.

***IHU On-Line - Que figuras importantes ganham espaço nas páginas do livro?***

**Márcia Lopes Duarte** - O livro é uma ficção, não apresenta, portanto, personagens históricas. A personagem em destaque é Elsa, uma governanta alemã, que se julga bastante superior aos brasileiros, mas que ganha a vida iniciando sexualmente os meninos das famílias da elite nacional. Ela é extremamente ambígua, pois se dedica ao seu “trabalho” com afinco, deixando-se, por vezes, envolver em suas relações, que deveriam ser puramente comerciais. Entretanto seu grande sonho para o futuro é voltar à Alemanha e constituir uma família.

***IHU On-Line - Como a senhora classifica Mário de Andrade como intérprete do Brasil?***

**Márcia Lopes Duarte** - Mário de Andrade é um intérprete do Brasil porque ele tem a intenção, em toda a sua obra, tanto literária como crítica ou teórica, de mostrar um país autêntico, um país sem os véus da cultura européia e europeizante que lhe serviam de empréstimo. O Brasil construído por Mário de Andrade, ainda que, por vezes, nos pareça pitoresco, por força de suas excentricidades, é um país novo, no que diz respeito ao âmbito do literário e no que concerne à caracterização de uma identidade nacional. Assim sendo, Mário é o intérprete de um país plural, que abrange as mais variadas manifestações culturais e se projeta para o futuro embalado pelos ideais críticos do modernismo.

## **O negro no Rio Grande do Sul. Primeiro seminário de estudos gaúchos, de Dante Laytano**

I CICLO DE ESTUDOS DA FORMAÇÃO SOCIAL SUL-RIOGRANDENSE

*O Prof.º Dr. Moacyr Flores, da PUCRS, proferirá uma palestra no próximo Ciclo de Estudos da Formação Social Sul-Riograndense sobre a obra do historiador gaúcho Dante Laytano. O evento acontecerá no dia 30 de novembro, às 19h30 min, na sala 1G119.*

## Caos e complexidade

II CICLO DE ESTUDOS DESAFIOS DA FÍSICA PARA O SÉCULO XXI: UM DIÁLOGO DESDE A FILOSOFIA

*Nesta quarta-feira, dia 29-11-2006, o físico Prof. Dr. Fernando Haas, da Unisinos, estará na Livraria Cultura, em Porto Alegre, apresentando a palestra Caos e complexidade, dentro da programação do Quarta com Cultura Unisinos. Gratuita, a atividade inicia às 19h30min e vai até as 21h30min. Anote o endereço e confira: é na Livraria Cultura, no Bourbon Shopping Country, em POA, Avenida Túlio de Rose, nº 80, Loja 302. Haas é graduado, mestre e doutor em Física pela UFRGS. Sua tese leva o título Sistemas de Ermakov Generalizados, Simetrias e Invariantes Exatos. É pós-doutor pela Universidade Henri Poincaré, na França. É autor de Computação algébrica e simetrias de Lie. Sociedade Brasileira de Matemática Aplicada, 2001. Suas contribuições mais recentes à IHU On-Line foram dadas na edição 203, de 06-11-2006, com a entrevista O paradoxo de Zenão quântico, sobre a palestra que apresentou dentro da programação do II Ciclo de Estudos Desafios da Física, e na edição 198, de 02-10-2006, com a entrevista Explicar a vida: desafio da Física, a respeito da palestra A contingência e o acaso nas Ciências da Vida e na Física, também a respeito do II Ciclo de Estudos Desafios da Física. Ainda na edição 198, o IHU Repórter traçou seu perfil. Todas entrevistas estão disponíveis para download na página do IHU, endereço [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu).*

*Para comentar o tema Caos e complexidade, a IHU On-Line propôs a entrevista que segue ao físico americano Lee Smolin. Autor de The trouble with Physics (A crise da Física). New York: Houghton Mifflin, 2006, livro lançado no mês passado e ainda sem tradução no Brasil, Smolin é autor, também de A vida no cosmos. São Leopoldo: Unisinos, 2004. Sobre o novo livro, que está dando o que falar entre a comunidade científica em função de suas afirmações contundentes, você pode conferir a página [www.thetroublewithphysics.com](http://www.thetroublewithphysics.com). A entrevista a seguir foi concedida por e-mail.*

*Lee Smolin é PhD em Harvard e ex-professor de Yale. O físico teórico é atualmente um dos animadores do Instituto Perímetro de Física Teórica, associado à universidade de Waterloo, no Canadá.*

## Uma discussão aberta e objetiva

ENTREVISTA COM LEE SMOLIN

**IHU On-Line** - Quais são as principais relações que podemos estabelecer entre a complexidade e o caos? E quais seriam os principais desafios que essa discussão apresenta hoje? Como a Física aplica essas duas teorias?

**Lee Smolin** - Caos e complexidade são muito diferentes. A Teoria do Caos é o estudo de certos sistemas dinâmicos muito simples, geralmente com alguns graus de liberdade, os quais possuem uma propriedade de que pequenas diferenças em condições iniciais resultam em grandes diferenças em evolução futura. Complexidade é o estudo de sistemas com muitos graus de liberdade que evoluem para estruturas que são complexas e diversas, por exemplo biologia e economia. Ambas são interessantes de se estudar, e temos todo um corpo de resultados a respeito de cada uma delas.

**IHU On-Line** - Quais são suas principais objeções à tentativa dos adeptos da Teoria de Cordas em unificar todas as forças e partículas do Universo conhecidas?

**Lee Smolin** - A Teoria das Cordas não foi tão longe a ponto de fazer o seguinte:

- Fazer previsões verificáveis que pudessem ser testadas por um experimento plausível;
- Ser formulada como teoria nos termos de simples princípios físicos incorporados em uma única equação fundamental. Pelo contrário, é um grande corpo de resultados aproximados e conjecturas que, caso verdadeiras, sugerem a existência de uma teoria que ninguém formulou;
- Incorporar completamente o princípio da independência de fundamentação, satisfeita por relatividade geral e pela maioria das outras abordagens da gravidade quântica. Isso diz que a geometria do espaço-tempo é dinâmica e não pode

ser estabelecida antes que se estude o comportamento da matéria.

Meu argumento não é de que a Teoria das Cordas deva ser encerrada e nunca estudada. Mas é de que a Teoria das Cordas é apenas uma das muitas abordagens da gravidade quântica e que algumas outras, no entanto, fizeram grandes progressos. Então, a Teoria das Cordas é apenas uma das direções interessantes a ser seguida.

**IHU On-Line** - Podemos dizer que há uma “guerra” na Física, proveniente do debate entre os críticos da Teoria das Cordas e seus defensores? O senhor poderia dar mais detalhes sobre sua afirmação a respeito da formação de grupos que excluem aqueles cientistas que não concordam com a Teoria de Cordas? Quais seriam as principais consequências dessa constatação?

**Lee Smolin** - Eu não chamaria isso de “guerra”. Chamaria isso de uma tentativa de um dos lados de ter uma discussão científica aberta e objetiva baseada em evidências nas quais colocamos tudo na mesa referente aos sucessos e fracassos das diferentes abordagens à gravidade quântica e falamos sobre para onde vamos a partir daqui.

A melhor evidência para as questões sociológicas levantadas em meu livro é a de que, com algumas exceções, proeminentes teóricos das cordas recusam-se a entrar nessa discussão. Eles dizem que a discussão deve ser “realizada dentro da comunidade”, pela, querem dizer, comunidade de pessoas que já concordam entre si que a Teoria das Cordas é a única abordagem que mereça estudo.

**IHU On-Line** - Por que o senhor afirma que não se saiu melhor do que os teóricos de Cordas e que seu

novo livro é “uma forma de procrastinação”?

Lee Smolin - Eu não disse bem isso. Eu disse e penso, sim, que, em algumas questões, como em como construir uma teoria quântica de fundamentação independente<sup>1</sup>, é um grande progresso. O que eu disse é que nenhuma delas chegou a resolver completamente o problema e nenhuma foi confirmada por experiências. Os parágrafos de fechamento quiseram indicar que, tendo escrito um livro, quis voltar e gastar meu tempo fazendo física, o que, de fato, é o que eu tenho feito. Na verdade, fizemos, nos últimos meses, um grande progresso em

---

1 Uma teoria de fundamentação independente na gravidade quântica (do original “quantum theory background independent theory”) é uma condição, na física teórica, que requer que suas equações não sejam

aplicar idéias da gravidade quântica para ter novas previsões para observações cosmológicas.

**IHU On-Line - O senhor diz que o impasse teórico da Física é uma questão democrática. Poderia explicar essa afirmação?**

Lee Smolin - Eu quis dizer muitas coisas: 1) Muitos dos mesmos assuntos surgem nas políticas acadêmicas assim como na sociedade; 2) Quando funciona bem, a comunidade científica deveria ser, ela mesma, um laboratório e um modelo para como uma sociedade democrática pode funcionar com pessoas diferentes e idéias diferentes.

---

baseadas na teoria da relatividade. Fonte:

<[http://en.wikipedia.org/wiki/Background\\_independent](http://en.wikipedia.org/wiki/Background_independent)>. (N. do T.)

Estou lendo no momento *A física da alma*, de Amit Goswami (Aleph: 2005). Este livro escrito por um indiano, Ph.d. em física quântica que leciona na Universidade do Oregon, nos Estados Unidos Traz uma visão científica de questões da ciência, espiritualidade e consciência. O autor discute sua visão de conceitos fundamentais da medicina, da física e da filosofia, buscando sempre fundamentar cientificamente suas idéias. Apesar de o livro não ser de fácil leitura, por envolver uns conceitos complexos e de diversas áreas de conhecimento, o que

exige do leitor uma série de idas e vindas no texto, há muitas ilustrações que tentam traduzir ao leigo uma maneira inovadora de ver o mundo por meio das definições da física quântica. Recomendo a todos aqueles curiosos e que se interessam em entender a si mesmo e aos outros, pois o autor demonstra ao longo de sua argumentação a existência de uma ampla possibilidade de escolha e grande capacidade de realização do ser humano na construção de uma vida feliz e realizada.

**Prof<sup>a</sup>. MS. Betina Martau da Unidade Acadêmica de Ciências da Exatas e Tecnológicas da Unisinos.**

## Sala de Leitura

## Carta do leitor

"Quero parabenizá-los pela mudança gráfica da revista *IHU On-Line*. Essa revista é uma das melhores coisas que temos na universidade brasileira e talvez pudesse alimentar um projeto mais ambicioso de ter um corpo

editorial espalhado por todo o país e expresse essa opinião também como jornalista profissional (fui editor durante 13 anos de *O Estado de S. Paulo*). Muito obrigado por tudo".

*Prof. Dr. Waldecy Tenório, professor na USP, vinculado ao Instituto de Estudos Avançados (IEA) da USP na área de Estudos Interdisciplinares de Literatura.*

## IHU Repórter

### Paulo Gunter Windisch

*Nascido em São Caetano do Sul, Paulo Windisch começou o trabalho cedo na vida. Na indústria automobilística, deu os primeiros passos, mas tem na botânica a sua paixão. Com fôlego de um menino, Paulo encanta a todos com suas histórias de vida e seu sorriso. Conheça um pouco mais desse professor do PPG em Biologia da Unisinos na entrevista a seguir.*

**Origens** - Meu pai veio da Áustria para o Brasil, em 1926. Nasci em São Caetano do Sul, região metropolitana de São Paulo, há 57 anos.

**Família** - Tenho um irmão quatro anos mais velho, com quem me dou bem, mas tenho pouco contato. Meu pai era uma pessoa caseira, fechada, mas tínhamos uma boa relação. Tenho dois filhos já adultos. O mais novo está na Alemanha, cursando Propaganda e Marketing, e o mais velho, de 25 anos, cursa Administração de Empresas. Tenho uma relação de companheirismo com eles.

**Estudos** - Meus estudos foram em escolas públicas. No antigo colegial, comecei a trabalhar durante o dia em uma empresa automobilística, deixando a noite para os

estudos. Foi uma experiência interessante, completar minha formação já trabalhando. Meu interesse sempre foi voltado à natureza, quando prestei vestibular foi para Ciências Biológicas nas USP. Foi uma fase difícil, trabalho e faculdade no primeiro ano, depois fui tocando. Quando cheguei ao terceiro ano do curso, já pude ministrar aulas na faculdade, aí saí do emprego. Então pude dedicar mais tempo aos estudos. No último ano, estagiei no Instituto de Botânica e tive a sorte de encontrar ainda vivo um botânico aposentado que estudava as samambaias e plantas afins. Foi um achado. Ele ainda teve fôlego para me orientar por dois anos. Como ele era uma pessoa de idade, um ajudava o outro. Em um de nossos últimos encontros, ele me disse que, para continuar nessa área, deveria estudar fora do país.

Entrei, então, em contato com um especialista de Harvard para fazer a minha pós-graduação.

**Trabalho** - Com 16 anos, já estava empregado em uma empresa automobilística. Atuava do setor de transportes e segurança dos trabalhadores. O emprego seguinte foi dando aulas no secundário na mesma escola em que eu estudei e em uma particular, e depois fiz estágio no Instituto de Botânica, no último ano de faculdade. Durante minha pós-graduação nos Estados Unidos aproveitei toda oportunidade de trabalho que aparecia, desde levar cachorros para passear até ser porteiro de clubes. Quando voltei dos Estados Unidos, trabalhei por um período na USP, em seguida na UNESP, onde fiquei por 20 anos.

**Vocação** - Tive diversos interesses como a fotografia, mas a minha verdadeira vocação é a biologia. Meu avô tinha uma paixão grande pela natureza. Com 18 anos, ele visitou o Brasil. Voltou para a Alemanha, constituiu família, e mais tarde emigrou definitivamente para o Brasil “ter uma aventura nos trópicos”. Até tinha uma chácara que mais parecia um jardim botânico. Dele herdei o gosto pela botânica.

**Mudança** - Em 1977, retornei de uma expedição à região do rio Xingu com suspeita de malária. Porém o caso era mais sério e tive que fazer uma cirurgia com longa convalescença, o que me permitiu longo tempo para pensar no que eu realmente queria fazer na vida. Em 1999, surgiu uma oportunidade na Unisinos onde estava sendo montada a pós-graduação em Biologia na Universidade e então comecei a atuar em ensino e pesquisa aqui em São Leopoldo.

**Aulas** - Lembro quando estava a caminho para dar aula às crianças de 5ª série achei um gato e coloquei-o no

bolso. Comecei a lição sobre felinos e mostrei o gato aos alunos. De repente, as meninas começaram a chorar, e eu perguntei o que estava acontecendo. Descobri que um dos alunos contou às meninas que eu, como cientista, depois da aula iria matar o gato.

**Horas Livres** - Interesse-me por ferraria e restauração de rodas de fiar. É uma terapia boa, mas os vizinhos não gostam muito. Aqui no Sul encontrei rodas de fiar coloniais e então comecei a restaurá-las. Isso me levou a entrar em contato com os imigrantes que vieram para o Rio Grande do Sul. Tenho mais de dez rodas de fiar em diversos estágios de restauração. Busquei rodas de diversas regiões, como Minas Gerais e São Paulo. Hoje procuro uma roda específica, da colonização italiana. É muito interessante restaurar a arte de um artesão tão antigo, ver de que região procede, conhecer a história, as diferenças entre uma e outra. Até já fui convidado para escrever um capítulo de um livro dos Estados Unidos sobre rodas de fiar.

**Viagens** - Já viajei muito a ponto de acumular uma pilha de passagens. No Brasil, tive a oportunidade de conhecer todos os estados e também visitei diversos países da América do Sul, geralmente em trabalhos de campo.

**Música** - Meu gosto vai do popular ao erudito, depende do meu estado de espírito.

**Autor** - Um autor que me impressionou muito foi o romeno Virgil Gheorghiu, de *Vigésima Quinta Hora*, que já teve sua versão cinematográfica. Ele escreveu uma série de livros, que, aqui no Brasil, são pouco difundidos. Atualmente, estou lendo um livro de Carl Sagan sobre o papel da ciência em relação ao misticismo.

**Política** - Tenho uma preocupação muito grande com a

manipulação de massas que ocorre na política. A história nos mostra que isso não dá certo. Vemos nossos políticos usando esse meio, cada vez mais sofisticado. Pergunto-me onde vamos parar com isso. Em algum momento virá a conta. A política de governo está aniquilando a indústria do Vale dos Sinos, a convivência com o produto estrangeiro é desleal. Poucas pessoas quando entram em uma loja de produtos importados pensam que aqueles produtos são feitos por crianças que trabalham forçadamente em outro país. Somos entusiastas dos direitos humanos, mas não pensamos nisso no momento. Isso também é uma questão de cultura.

**Unisinos** - Encontro-me numa posição confortável de compartilhar a minha experiência. Dentro da estrutura da Unisinos, essa experiência é valorizada. Esse respeito

pela experiência é muito importante. A Unisinos complementa a minha carreira. Não é só um emprego, ela tem uma missão. Fiz o doutorado em uma universidade clássica no exterior e vejo que essa estrutura se repete aqui em alguns aspectos.

**Instituto Humanitas** - Acompanho de longe o trabalho do Instituto. É uma coisa interessante, pois estamos em uma Universidade que abraça o humanismo cristão, e essa parte humanística está sendo atendida por uma instituição, que traz o conhecimento. Esse é um diferencial da Unisinos. É um lugar que irradia esse trabalho pela Universidade.